

Algumas palavras, muitas histórias, um mundo de imaginação...



**Homenagem a Manuel António Pina
Agrupamento de Escolas D. Pedro I
Projeto “Artistas de Gaia e Escolas em Diálogo”
Ano letivo 2013 /2014**

Ficha Técnica

Título

Algumas palavras,
Muitas histórias,
Um mundo de Imaginação...

Conceção

Isilda Patrocínio

Capa

Isilda Patrocínio, Rita Costa e Rute Gaspar

Retrato da capa

Ricardo - 4ºano

Seleção, compilação e construção de textos

Julieta Sá e Fátima Azevedo
com base em textos de investigação de alunos do
3º Ciclo do Agrupamento D. Pedro I

Ilustrações

Alunos do 1º, 2º e 3º Ciclos do Agrupamento
D. Pedro I

Fotografias

Isilda Patrocínio

Organização de conteúdos

Cândida Neves Couto e Ilda Lopes

Revisão

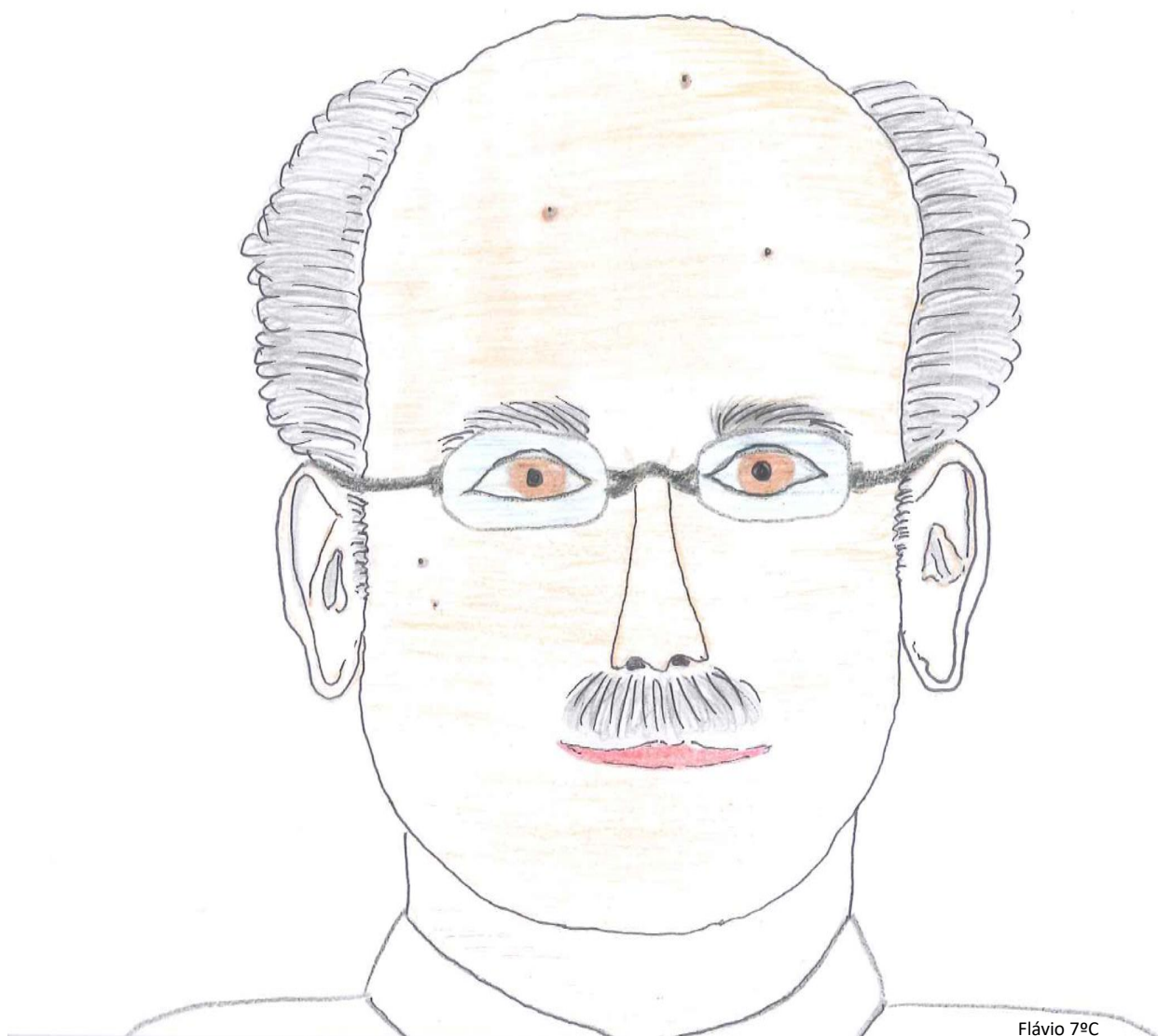
Ilda Lopes

Arranjo gráfico

Isilda Patrocínio, Rita Costa e Rute Gaspar

*Algumas palavras,
muitas histórias,
um mundo de imaginação...*

*Com reconhecimento, agradeço ao Filinto
a publicação desta obra.*



**«Quando era novo, queria transformar o mundo,
agora só quero que o mundo não me transforme a mim.»**

Manuel António Pina

Memórias, retratos... de Manuel António Pina

Urge uma resposta à globalização que vai invadindo tudo e fazendo desmoronar inexoravelmente todas as fronteiras, para converter toda a terra numa imensa cidade aberta à livre circulação de bens e pessoas. Se cada povo não se acautela devidamente, corre o sério risco de se afogar e de se perder no império mundial do comércio.

Para Manuel António Pina, a cautela é cada povo substituir a fronteira física e burocrática pela “fronteira do coração” que consiste em tomar consciência profunda, clara e integral da sua identidade e afirmá-la com convicção em todas as circunstâncias e lugares.

Manuel António Pina, nas várias imagens dos gatos, dos peixes e dos pássaros, apela ao exercício da cidadania no sentido esclarecido e bem consciente da nossa identificação: donde somos? Onde somos? O que somos?

A literatura de Pina alerta-nos para o súbito movimento da abolição de fronteiras e que apanha o ser humano de surpresa e, sobretudo, desprevenido perante tamanho desafio à sua identidade, lamentando tamanha distração: “desatentos, pouco ou nada consciencializados, impreparados ...”

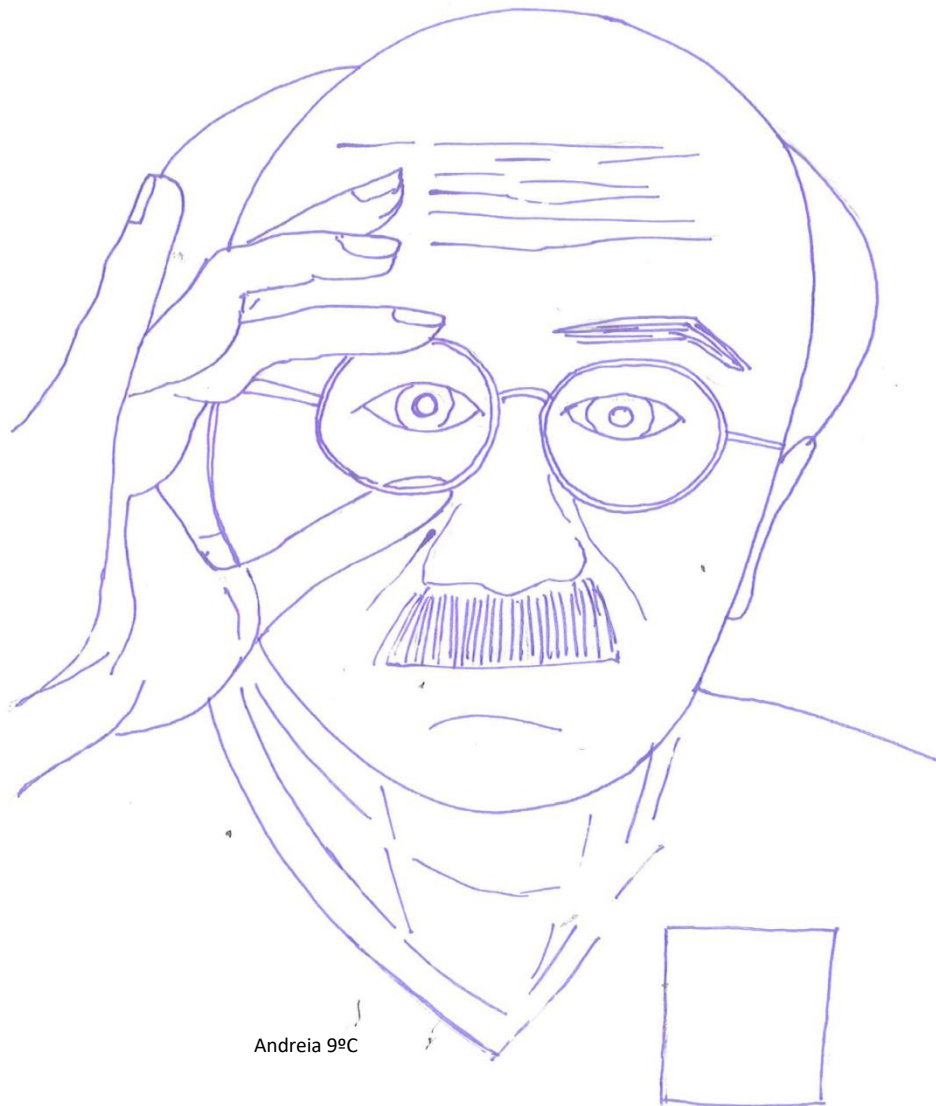
Louvo agora a ousadia e a tenacidade da professora Isilda Patrocínio que, em início de aposentação aceitou a proposta de homenagem à figura singular e ímpar de Manuel António Pina feita pelo projeto “Artistas de Gaia e Escolas em Diálogo”, desenvolvido em diversas escolas de Vila Nova de Gaia, no âmbito de uma parceria entre Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural e a Escola secundária Inês de Castro.

Envolvida num compromisso de profunda reflexão sobre a nossa identidade, a Isilda, com os alunos do Ateliê de Artes Manuais mobilizou também professores, alunos, pais, funcionários, um Agrupamento, uma comunidade escolar.

Este trabalho constitui, assim, o feliz e muito conseguido corolário das “memórias e retratos” da vida e obra de Manuel António Pina, a que a Isilda Patrocínio quis dar vida.



O Diretor,
António Duarte



“Ainda Não É o Fim Nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde”

Manuel António Pina, 1974

PINA

O mundo já não é o que **É**

Agora sofremos todos de uma doença **Mortal – A Vida**

Uma **Outridão** na **Estranhidão**

PINA

Até o Poker perdeu **POESIA**

Agora

Reis e Rainhas são só cartas

E não **CRÓNICAS** para contar como dantes

PINA

(... tudo o que foi e não foi dito...)

-És **A PESSOA MAIS INTERESSANTE** que conheci **ATÉ HOJE**

ATÉ AMANHÃ

Zé Cunha



Alunos do 5º M

Índice

1. Manuel António Pina: infância e juventude	6
2. Manuel António Pina: idade adulta	8
3. Manuel António Pina: retrato psicológico	9
4. Manuel António Pina: os animais e o ambiente	12
5. Manuel António Pina: as crianças	20
6. Manuel António Pina: as pessoas	24
7. Manuel António Pina: as obras	25
8. Manuel António Pina: adaptações de obras	28
9. Manuel António Pina: ilustrações de obras	36
10. Manuel António Pina: poemas	42
11. Manuel António Pina: poema ilustrado	44
12. Manuel António Pina: canções e outras formas de expressão	47
13. Manuel António Pina: life and work	48
14. Manuel António Pina: prémios e homenagens	50
15. Manuel António Pina: o sentir e o olhar dos amigos e filha	53
16. Manuel António Pina: o futuro.	60

1. Manuel António Pina: infância e juventude

Manuel António Pina nasceu no Sabugal, a 18 de novembro de 1943



Marisol Voc.3

Por imperativos de ordem familiar, durante a infância mudou várias vezes de cidade, “andando sempre a saltar de uma terra para outra”, como ele próprio muitas vezes dizia. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra.



Foi no Porto que passou a maior parte da sua vida, cidade onde desenvolveu múltiplas atividades profissionais e a sua notável obra literária.



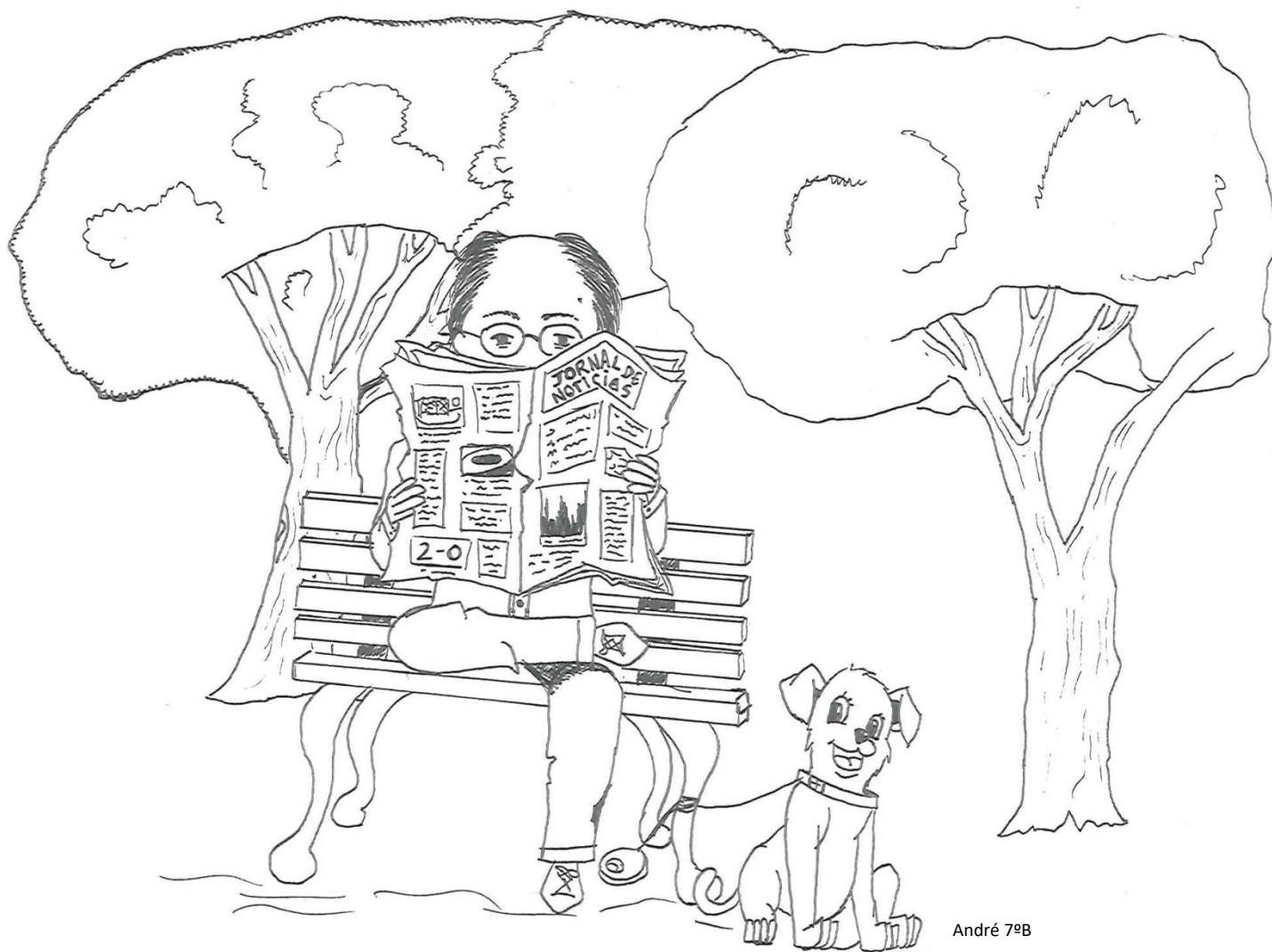
Manuel António Pina aprendeu a ler muito cedo, começou a escrever versos por volta dos seis anos e nunca mais parou.

Foi advogado, escritor, cronista, poeta, jornalista, dramaturgo, contador de histórias, professor na Escola Superior de Jornalismo do Porto e membro do Conselho de Imprensa.

Faltava um ano para acabar o serviço militar, no Porto, em 1970, quando apareceu um anúncio no Jornal de Notícias (JN) a pedir jornalistas. Manuel António Pina enviou um postal, fez provas e foi selecionado entre quinhentos candidatos. Neste jornal trabalhou como editor, chefe de redação e, mais tarde, passou a escrever crónicas. As pessoas apreciavam-nas tanto que muitas começavam a ler o jornal a partir do fim, ou compravam-no apenas com esse objetivo. Essas crónicas foram conquistando espaço nos meios literários, começando assim a ser um jornalista conhecido. Foi igualmente cronista na revista "Notícias Magazine", para além de ter sido tradutor.

Afirmava ele:

«O jornalismo servia para ganhar a vida; a literatura servia um pouco para tentar salvar a vida»



André 7ºB



2. Manuel António Pina: idade adulta

“Nós frequentávamos o café “Convívio” e ele marcava os encontros lá. Quando víamos pessoas inquietas a olharem sempre para a porta, eu e os meus amigos achávamos logo que elas estavam à espera do Pina. Em qualquer lado da cidade, havia sempre alguém à espera dele.”

Álvaro Magalhães em entrevista ao JPN



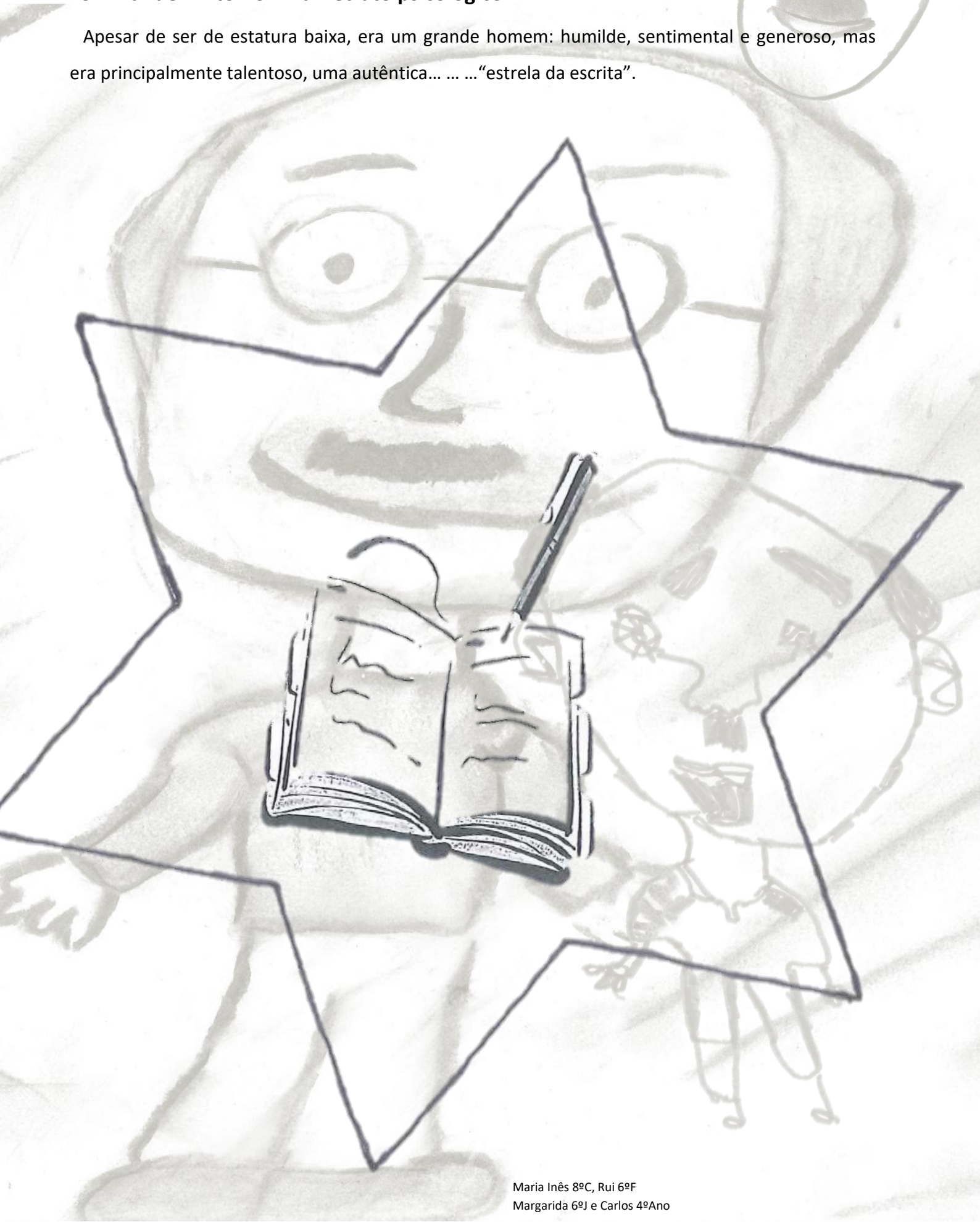
Manuel António Pina frequentava com os amigos o «Piolho» e o “Convívio” e, a par destes, a Padaria “Ribeiro” onde dava largas ao seu gosto peculiar por gulosices e encontrava “os melhores folhadinhos do mundo” - dizia ele.



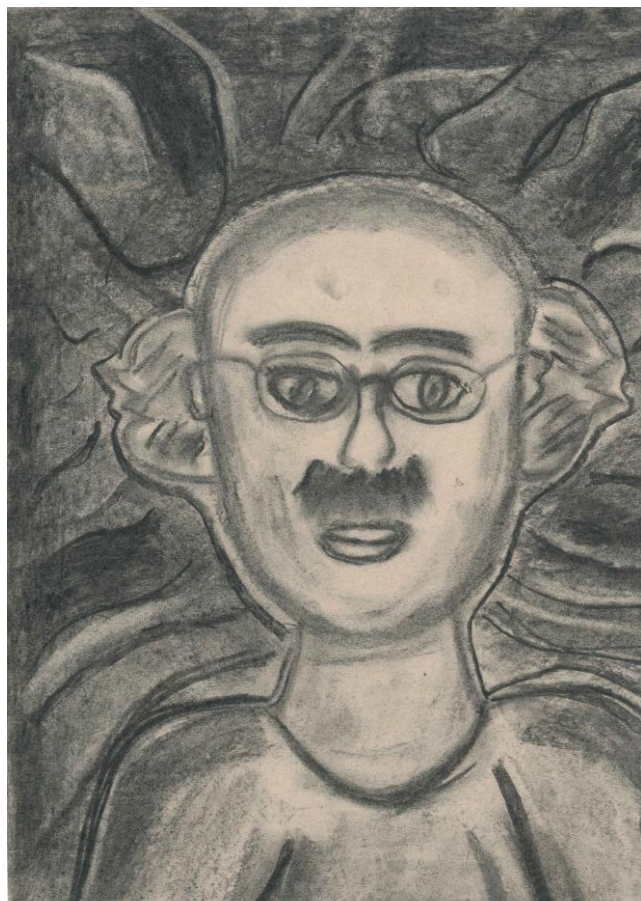
Fotografias da autoria de Isilda Patrocínio com autorização dos estabelecimentos comerciais.

3. Manuel António Pina: retrato psicológico

Apesar de ser de estatura baixa, era um grande homem: humilde, sentimental e generoso, mas era principalmente talentoso, uma autêntica... ..“estrela da escrita”.



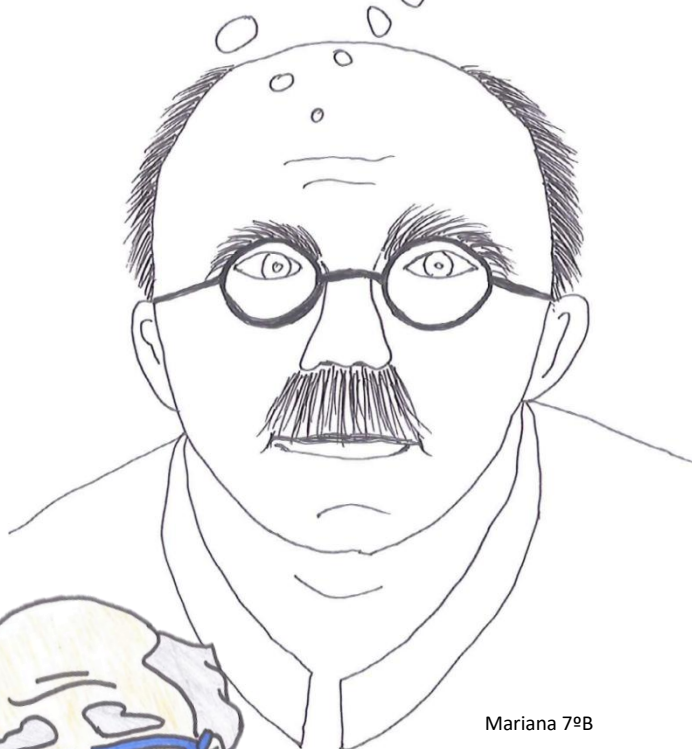
Os amigos descrevem-no como um homem bom, ímpar, diferente, simples, sério e de grande profundidade intelectual.



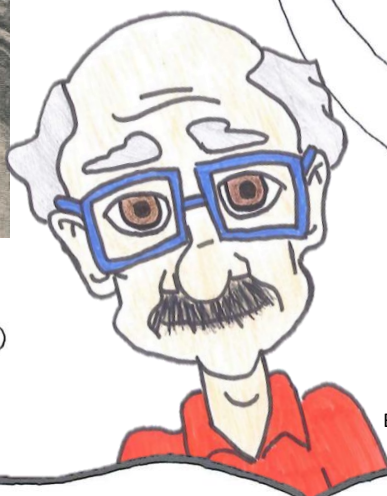
Irene 6ªH

O Livro dos
Bosques...
Aquele que queria
morrer...

Animais!
Vida... luz!
Literatura!
Amor!



Mariana 7ªB

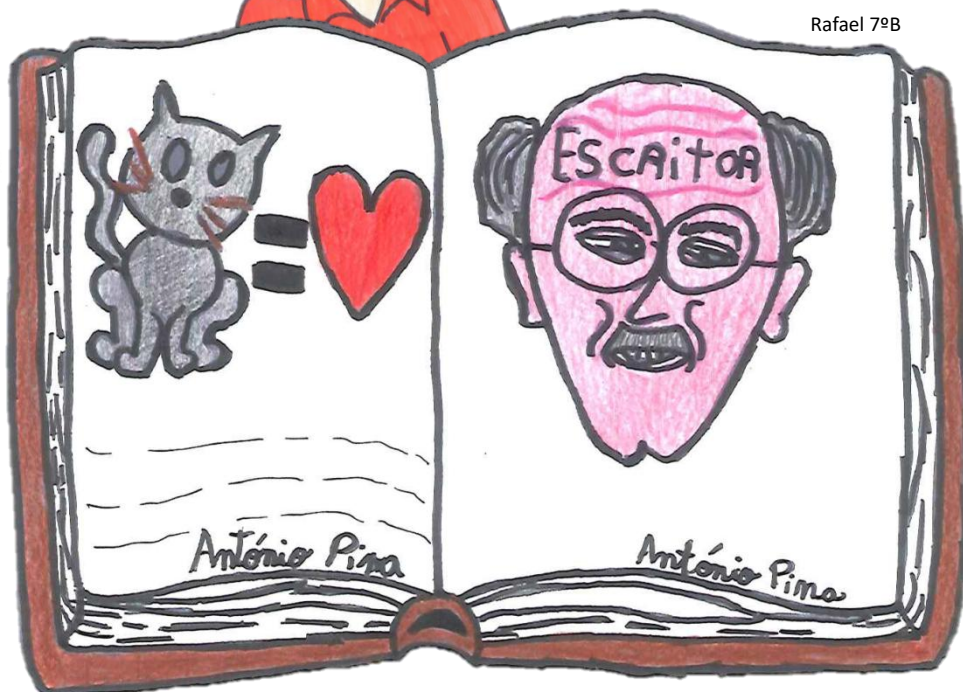


Bárbara 8ªE

Rafael 7ªB



Gonçalo 7ªB



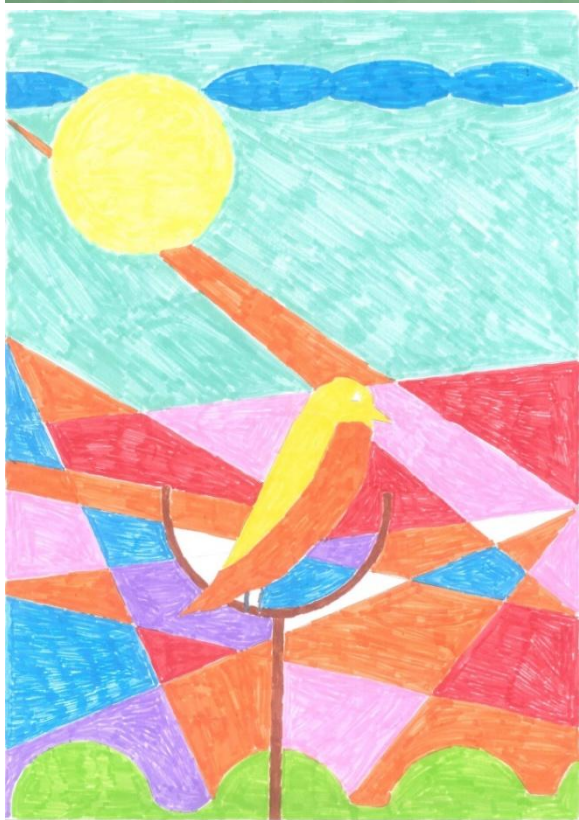
Crítico mordaz e lúcido, escreveu sobre economia, direitos sociais, educação, desemprego, crise e desigualdade. E, quando lhe apetecia, enxotava a política e falava de coisas sérias, como a notícia de que haviam nascido três melros, na trepadeira do muro do seu quintal.



Alunas da Ginástica Acrobática



Alunos do 9º C



4. Manuel António Pina: os animais e o ambiente

Manuel António Pina era um protetor dos animais, sempre os respeitou e sentia por eles enorme paixão. Para ele, num gato **“há um Deus único e secreto”**. Tocar num gato era ter a ilusão de tocar em Deus e, por isso, ele não suportava que o comportamento humano fosse cruel para com os animais. Este assunto fazia parte das suas reflexões: **“No olhar dos animais existe uma luz profunda e suavemente triste que me inspira uma simpatia tão grande que o meu coração se abre como um hospício para acolher todo o sofrimento das criaturas”**.

Alunos do 5ºD



“A preservação do ambiente propicia às pessoas e animais uma vida mais feliz e saudável.”

Atelier de Artes Manuais
Trabalho realizado com materiais reciclados

Diziam que até para os maiores cães tinha uma grande sensibilidade e não resistia a fazer-lhes “festinhas” e “falar com eles”.

Escreveu:

O nome do cão

O cão tinha um nome
por que o chamávamos
e por que respondia,

mas qual seria
o seu nome
só o cão obscuramente sabia.

Olhava-nos com uns olhos que havia
nos seus olhos
mas não se via o que ele via,

nem se nos via e nos reconhecia
de algum modo essencial
que nos escapava

ou se via o que de nós passava
e não o que permanecia,
o mistério que nos esclarecia.

Onde nós não alcançávamos
dentro de nós
o cão ia.



E aí adormecia
dum sono sem remorsos
e sem melancolia.

Então sonhava
o sonho sólido que existia.
E não compreendia.



Um dia chamámos pelo cão e ele não estava
onde sempre estivera:
na sua exclusiva vida.

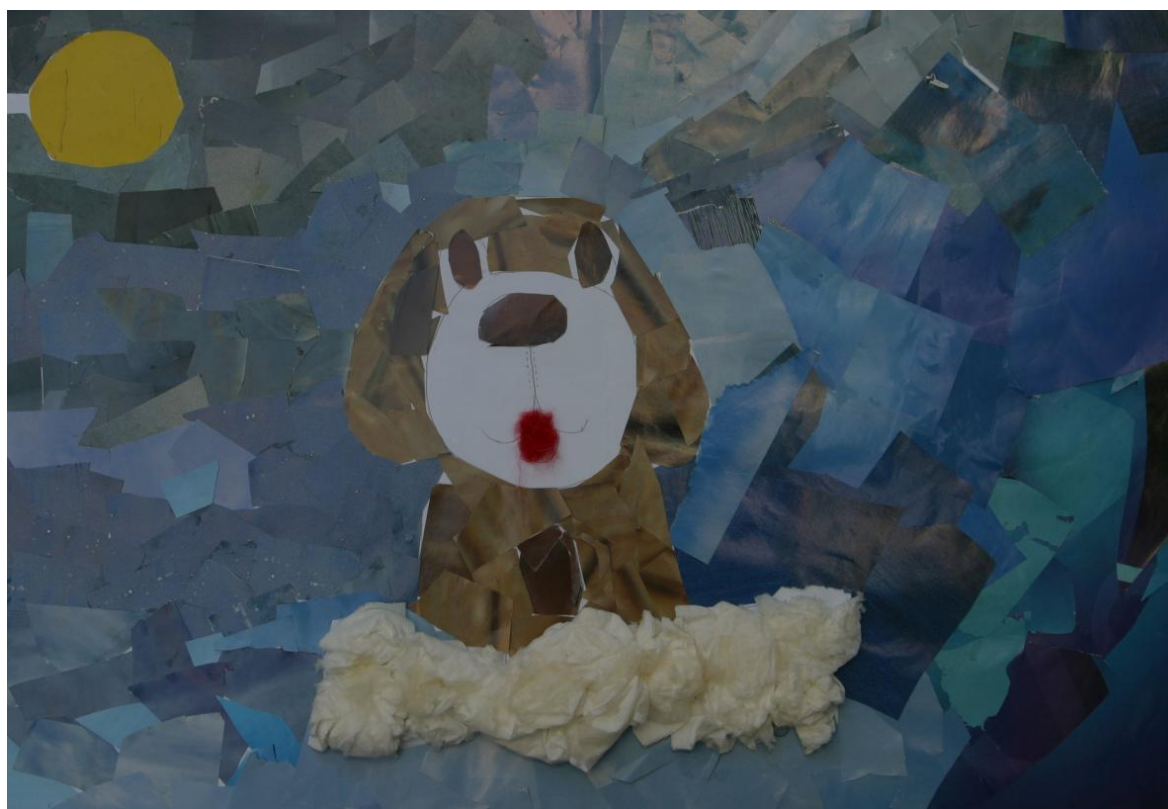
Alguém o chamara por outro nome,
um absoluto nome,
de muito longe.

E o cão partira
ao encontro desse nome
como chegara: só.

E a mãe enterrou-o
sob a buganvília
dizendo: "É a vida..."



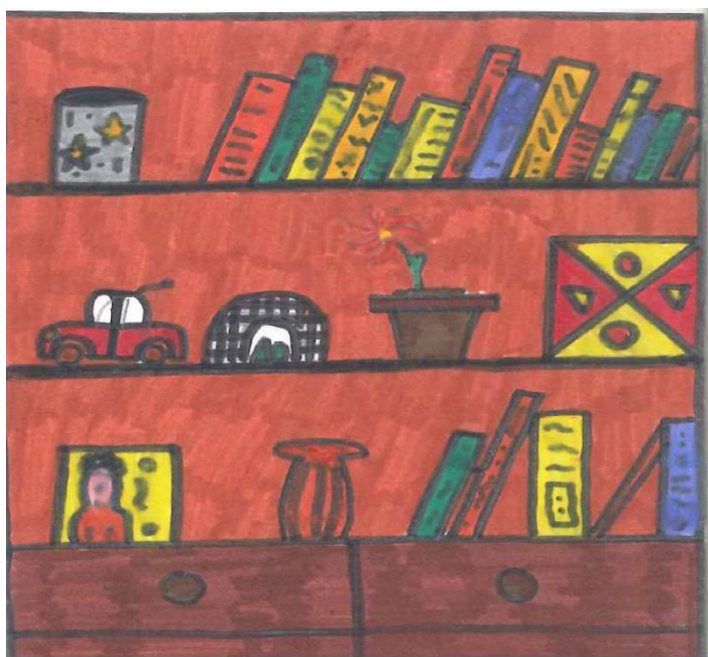
O nome do cão in Todas as palavras



Inês 8ºE



Na sua casa tinha dezenas de gatos, a quem dedicou poemas:



Os Gatos

Há um deus único e secreto
em cada gato inconcreto
governando um mundo efêmero
onde estamos de passagem

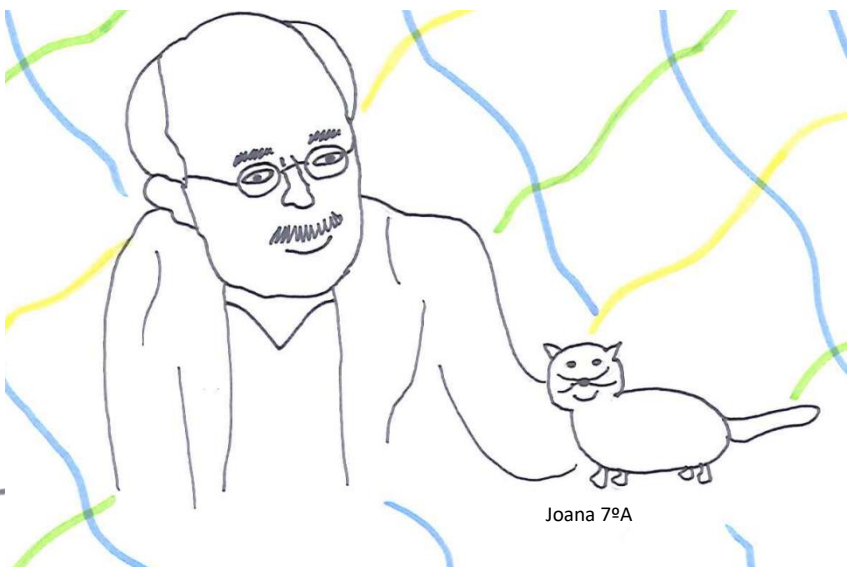
Um deus que nos hospeda
nos seus vastos aposentos
de nervos, ausências,
pressentimentos,
e de longe nos observa

Somos intrusos, bárbaros amigáveis,
e compassivo o deus
permite que o sirvamos
e a ilusão de que o tocamos

Os Gatos in Todas as palavras



Sofia 7ºC



Joana 7ªA

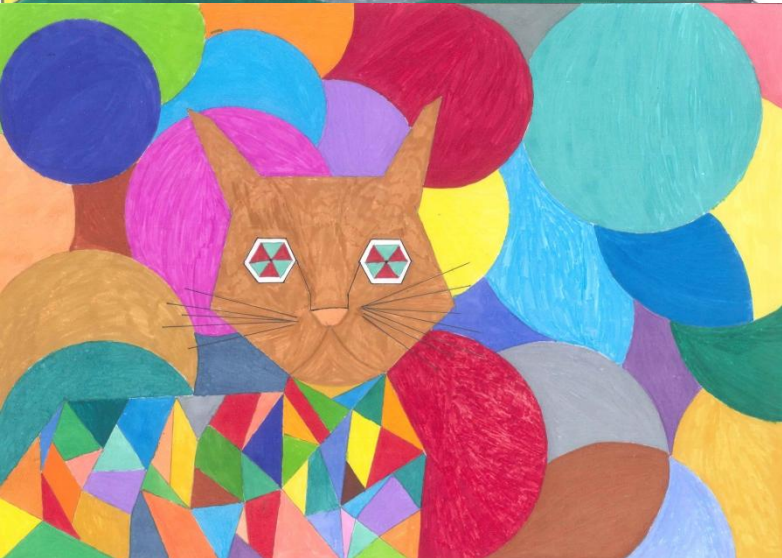




Gatos amigos do Pina,
vistos pelos alunos do 9º A







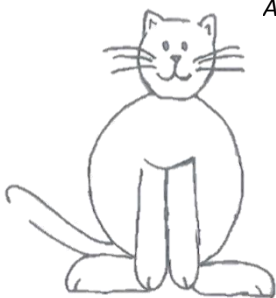
Teoria da composição:

a pequena gata

Olhos atentos tentando entender,
absolutamente parada, a cabeça tensa,
as orelhas espetadas como se pudesse ouvir
as palavras que eu ia escrevendo,
a pequena gata seguia cada um dos meus gestos

como se fossem incertos insetos
correndo inquietos sobre o papel.
Os gatos velhos e os homens jovens
não se interessam por coisas fúteis como
palavras escrevendo e gatos atentos,
Têm pouco tempo, sobretudo por dentro.

A pequena gata (3) in Todas as palavras



Francisca 8ºC

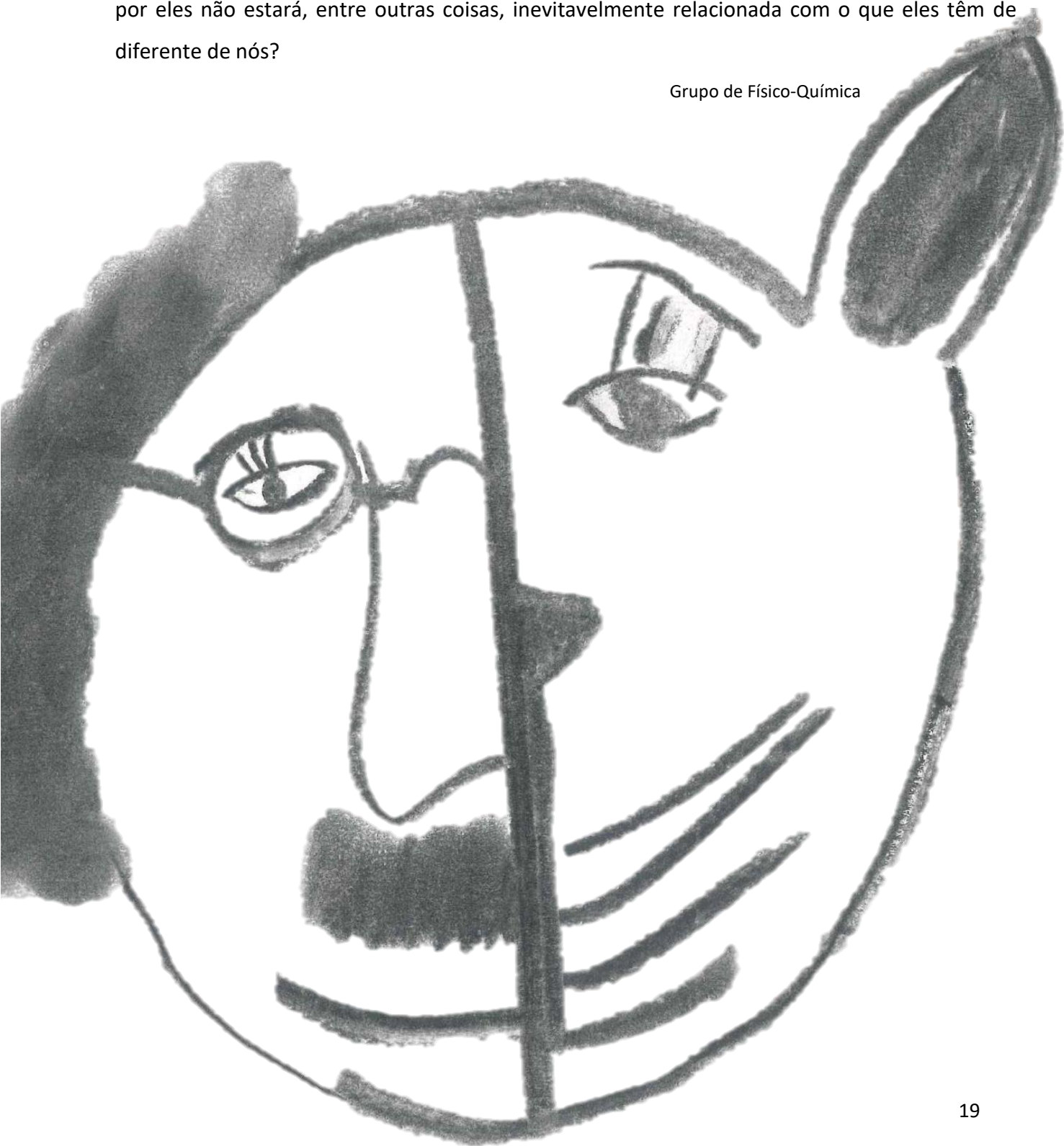


«Os livros que me fizeram, e que nos fazem a nós, chegam-nos quase todos por acaso, cada um tem uma história. Como os gatos que tenho aqui em casa, que fazem a minha vida... Os nossos destinos cruzaram-se por acaso. Nunca os procurei, andavam por aí abandonados. A Adelaide, a Laidinha, apareceu no motor do carro de um vizinho, o Zézé foi a minha empregada que o encontrou ali na horta, três foram uns miúdos que os deixaram aqui à porta... Os gatos, os livros, é tudo por acaso.»

<https://visao.pt/atualidade/cultura/2012-10-19-entrevista-a-manuel-antonio-pinaf692243/>

Visto pela Física, de facto, os cães e os gatos são animais com um espetro sonoro bem mais alargado que o dos humanos. Enquanto que um ouvido humano capta, aproximadamente, sons de frequências entre os 20 e 20.000 hertz, os gatos e os cães detetam ondas sonoras de frequências acima dos 20.000 hertz, isto é, os ultrassons. A sensibilidade sonora destes animais é muito superior à do ser humano. Ora vejamos!... Não haverá relação entre o estado de alerta permanente dos cães e dos gatos e o estado de alerta de Manuel António Pina perante a sociedade e tudo o que o rodeia? Será que a sensibilidade e admiração de Manuel António Pina por eles não estará, entre outras coisas, inevitavelmente relacionada com o que eles têm de diferente de nós?

Grupo de Físico-Química



5. Manuel António Pina: as crianças

Manuel António Pina gostava muito de crianças e tinha uma boa relação com elas. Esta boa relação transitou para a escrita, dedicando-lhes parte das suas obras.

Relativamente à literatura infanto-juvenil, costumava dizer «**É mais difícil escrever para crianças do que para adultos**», porque ao escrever para elas precisava de pensar em «**montes de palavras que (...) percebessem**».

Manuel António Pina publica o seu primeiro livro de classificação infanto-juvenil, em 1973, “O país das pessoas de pernas para o ar”, lido e apreciado por miúdos e graúdos.

As crianças do 3º ano da Escola de Lavadores, acompanhadas pela sua professora Carla Sousa, brincaram com “As pessoas de pernas para o ar”.





As questões fundamentais de todos nós, do Homem enquanto tal, são aquelas que os nossos filhos nos põem quando têm três anos. “De onde é que nasci? Onde é que eu estava antes de ter nascido? Para onde se vai quando se morre?”. Os sistemas filosóficos e as religiões tentam responder a essas perguntas. E no meio tempo: “Quem somos”, ou “O que somos”. É natural que à beira do abismo, o Homem se interogue, ou fique ansioso. Essa interrogação é o motor da arte, da filosofia, da poesia, da música...

(excerto de uma entrevista a M. António Pina, realizada por Anabela Mota Ribeiro, Revista Pública, Abril de 2009)



Escrever não é para todos. E este exercício de homenagem será disso evidência, mas perdoar-me-ão ... o texto é curto e a intenção é boa: **entrecruzar a obra de Manuel António Pina – autêntico escritor – com a aventura da descoberta científica de um grupo de crianças.**

Na verdade, conjugar Manuel António Pina e um grupo de crianças será da maior facilidade, pensarão imediatamente, e com toda a razão, afinal estamos a falar de um homem que para além de ter criado uma imensa obra, classificada a contragosto como literatura infantil, tinha como um dos seus heróis o Ursinho Puff, de “Winnie the Pooh”, de A. A. Milne. E encontrar pontos em comum, destes jovens cientistas, que, desde há um ano, dão entusiasticamente vida ao projeto: “Pais com ciência – Geração Jovens Cientistas”, com o escritor também não. São inúmeras as reflexões e criações que poderíamos usar para o fundamentar. A que dá início a estas linhas foi a escolhida... é nisso que pensamos quando olhamos para estas crianças, jovens alunos, à procura das respostas e de novas perguntas – auxiliando-se do que já está descoberto pela Ciência e Matemática, em oficinas práticas, fazendo caminho para criar novo Saber.

Dá vontade de concluir, citando novamente Manuel António Pina, em conversa informal, dizendo **“A palavra “criar”, pelo menos em termos fonéticos, tem muito a ver com a criança; criança também é aquele que está em criação”**... aqui, na escola e com estes alunos, entendemo-lo muito bem!

A Equipa de Coordenação do Projeto Pais com Ciência – Geração Jovens Cientistas, Canidelo, Maio de 2014

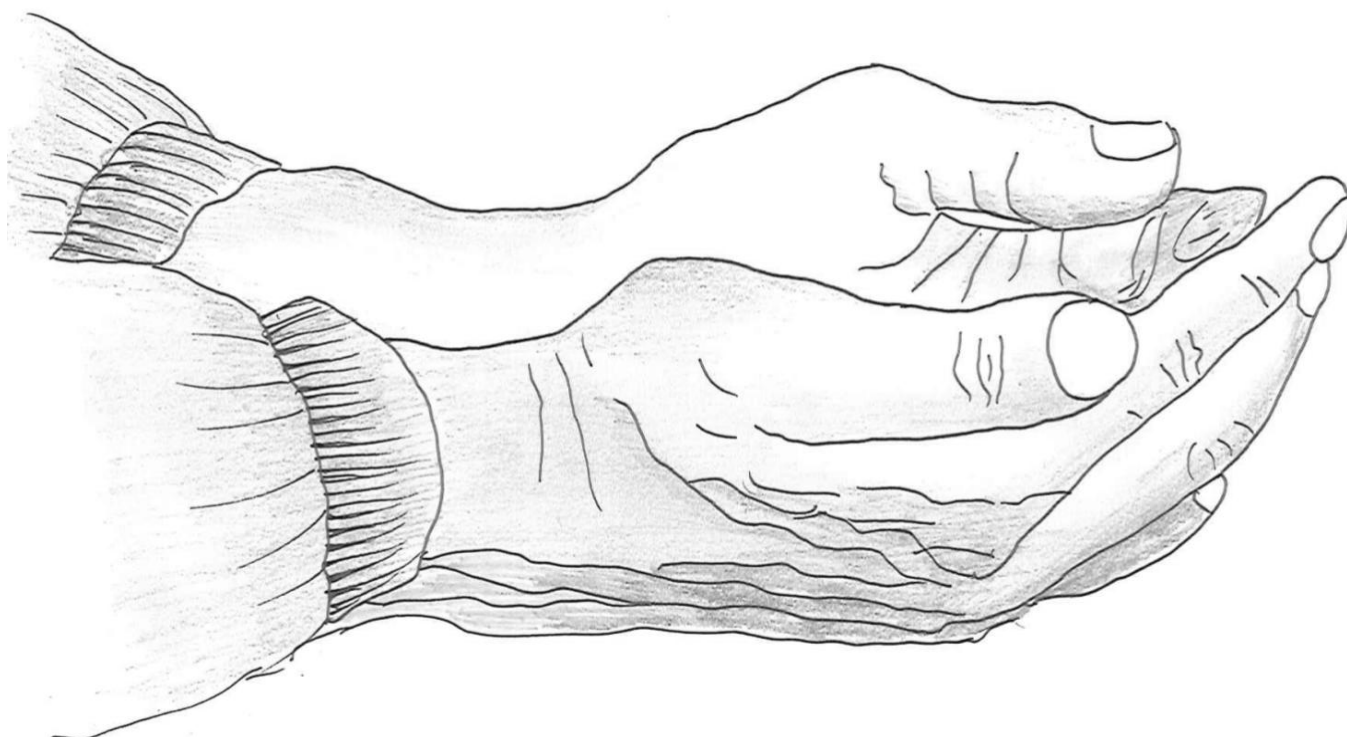
Montagens de Fontes de Energia



6. Manuel António Pina: as pessoas

Manuel António Pina tinha uma boa relação com as pessoas. Quando “descobria” que tinham animais, dizia que eram boas, simpáticas, que tinham bom coração. Apoiava-as mesmo se não as conhecesse e defendia os mais injustiçados, os mais desfavorecidos. Não era indiferente às desigualdades sociais e procurava combatê-las, muitas vezes, através das crónicas que escrevia.

Ainda em relação às suas crónicas, vários políticos tentaram persuadi-lo a evitar determinados assuntos e o escritor dava sempre a mesma resposta firme e segura **“Não deviam estar preocupados com a minha opinião, mas sim com a opinião que iriam ter de vocês próprios atualmente, se tivessem 20 anos”**.



7. Manuel António Pina: as obras

Inspirava-se na vida quotidiana, nas filhas e na desigualdade entre as pessoas para escrever as suas obras que apresentam uma enorme coesão estrutural e refletem grande criatividade, exigindo do leitor um profundo sentido crítico. "Brincando" com as palavras e os conceitos, num verdadeiro trocadilho, faz da sua obra um permanente "jogo de imaginação"

História de uma conta de somar

Uma conta de somar
sensível às coisas belas
pôs-se a contar as estrelas
numa noite de luar.

Estava ela a olhar o céu
somando infinitamente
quando uma estrela cadente
luziu e desapareceu...



Com uma parcela cadente
não estava a conta a contar!
que fazer? Passar à frente?
contá-la? Não a contar?

Fazer de conta que não
se dera conta de nada?
Mas, e depois, a adição?
não daria conta errada?

E quando ela fosse dar
contas à prova dos nove?
ia a prova acreditar
em parcelas que se movem?

(...)

E, contas feitas, a conta
decidiu fazer de conta...
Estava a contar estrelas,
Não a tomar conta delas!

(...)

Nunca antes uma conta
teve tanto que contar
Como a conta de somar
Que quis contar as estrelas!

in Pequeno livro de Desmatemática



Mariana 8ºE

A triste história do zero poeta

Numa certa conta havia
um zero dado à poesia
que tinha um sonho secreto:
Fugir para o alfabeto.

Sonhava tornar-se um O.
Nem que fosse um dia só,
ou ainda menos: só
o tempo de dizer: "Oh!"

(Nos livros e nas seletas
as que mais o comovia
eram os "Ohs!" que os poetas
metiam nas poesias!)

Um "Oh!" lírico & profundo,
um só "Oh!" lhe bastaria
para ele dizer ao mundo
o que na alma lhe ia!

E o que na alma lhe ia!
Sonhos de glória, esperanças,
ânsias, melancolia,
recordações de criança;

além de um grande vazio
de tipo existencial
e de uma caixa que um tio
lhe pedira para guardar;



e ainda as chaves do carro
e uma máscara de entrudo...
Não tinha bolsos, coitado,
guardava na alma tudo!

A alma! Como queria
gritá-la num "Oh!" sincero!
Mas não passava de um zero
que, oh!, não se pronunciava...

Daí que andasse doente
de grave doença poética
e em estado permanente
de ansiedade alfabética.

E se indignasse & etc.
contra o destino severo
que fizera dele um zero
com uma alma de letra!

Tanta ambição desmedida,
tanto sonho feito em pó!
E aquele zero dava a vida
para poder dizer "Oh!"...

in Pequeno livro de Desmatemática



Alunas da Ginástica Acrobática

8. Manuel António Pina: adaptações de obras

O livro “O país das pessoas de pernas para o ar”, foi adaptado para peça de teatro, pela professora Luísa Barreiros e coreografada pela professora Carla Sousa.

Cena I

Sara – Olá, meninos e meninas! Eu sou a Sara e faço parte de uma história do Manuel António Pina que vão ficar a conhecer. Espero que gostem!

- Bom dia, Fausto! Estás muito pensativo.

Fausto – Bom dia, Sara!

Um narrador – Ora de que se havia de lembrar o passarinho chamado Fausto?

Outro narrador – Um dia fez as malas e foi conhecer mundo.

Cena II

Um Narrador - Chegou a uma terra onde as pessoas andavam todas de pernas para o ar e de cabeça para baixo.

Outro Narrador - As pessoas daquele país calçavam os sapatos nas mãos e as luvas nos pés.

Fausto - Porque é que vocês andam todos de pernas para o ar?

George - Porque assim é a única maneira de andar.

Eu chamo-me George. E tu ?

Fausto – Chamo-me Fausto.

George- E como é que as pessoas andam na tua terra?

Fausto - Com a cabeça para cima e com os pés no chão.

Um narrador – O menino não queria acreditar que houvesse algum sítio no mundo onde as pessoas andassem de cabeça para cima e com os pés para baixo.

Fausto – Sabes, George, na minha terra os sinaleiros estão de pé no meio da rua e mandam andar os carros com as mãos e os automobilistas guiam com as mãos. As pessoas do meu país calçam os sapatos nos pés e as luvas nas mãos.

George – Como é que vocês conseguem acender a luz de noite?

Um narrador – Porque, naquele país, os interruptores da luz estavam quase junto ao chão, para ficarem perto das mãos das pessoas.

Fausto – No meu país, os interruptores da luz estão em cima para as pessoas não terem de se baixar.

Um narrador – E aquilo fazia uma grande confusão àquela gente toda, porque, se os interruptores estivessem assim altos, eles tinham de subir a uma cadeira para acender a luz e achavam isso estúpido, até porque podiam não ter uma cadeira ali à mão ou ali ao pé.

Fausto – George, vem ver, que eu mostro-te como são as pessoas no meu país.

George – Claro que vou. Aliás, estou desejoso de conhecer o mundo. Espera só um instante para fazer a minha mala.

Um narrador – Passaram os dois por muitas terras estranhas. Numa terra por onde passaram, as pessoas, em vez de falar, assobiavam e ficaram os dois muito admirados com aquilo.

Cena III

Sara – Olá, Fausto! Onde andaste? Quem é o teu amigo?

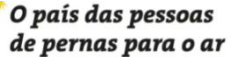
Fausto – É o George, o meu amigo do país das Pessoas de pernas para o ar!

Um narrador – O Fausto lá contou as suas aventuras todas muito bem contadas. E, como eram já horas, foram os três jantar.

Sara – Espero que tenham gostado desta peça e da história de Manuel António Pina. Foi maravilhoso conhecer uma pessoa do País das Pessoas de pernas para o Ar, ficar sua amiga e poder brincar com ela e com o Fausto. Até à próxima...



Alguns títulos das suas obras serviram para que um grupo de alunos do 6ºI brincassem e inventassem ,eles mesmos, uma história.

Numa noite escura e intensa ouviu-se um forte barulho n' 

Os habitantes desta terra longínqua tinham sido, em tempos, invadidos pel' 

Estes habitantes eram  e andavam de pernas para o ar.

Reza a lenda que em tempos perdidos  navegava sozinho sobre o rio, à procura de algo deslumbrante... até que descobriu pedacinhos pequenos e brilhantes, como que uns pozinhos que flutuavam à superfície do rio... era ouro.

Como tinham oferecido ao Menino Jesus, incenso, mirra e outro metal precioso, o Cavaleiro recordou: “Este pó é parecido com o pó que os dois ladrões levaram d'  que estava na estante d'  e pertencia ao Menino Jesus.”

E no reino dos  guardado n'  estava um livro mágico e muito sábio chamado  este livro poderia ter resposta para todas as perguntas e com certeza poderia dizer onde estava  guardado que andava perdido há séculos e séculos e era necessário recuperá-lo.

O Cavaleiro saiu do rio e gritou:



Os  pensaram para si:  , podia estar calado ou falar mais baixinho” e esconderam-se numa gruta, pois já sabiam que se ia travar uma

guerra entre  e os amigos d'  .

 losangular voou... voou... até outro continente.

O  corria desvairado, à procura de um lugar para se esconder e gritava:

- Quero uma biblioteca. Quero ir para a estante d'  .

A  sussurrou-lhe ao ouvido: “Vem... despacha-te! Entra para aqui.”

Todos os transeuntes d' **O país das pessoas de pernas para o ar** apareceram e **Os Piratas** travaram

A Guerra do Tabuleiro de Xadrez

com

O cavaleiro de pau do Menino Jesus

e com

Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas

Foi uma guerra muito interessante e emocionante.

Havia um silêncio sepulcral... nem uma mosca zumbia, nem uma agulha bulia...

Os que estavam escondidos começaram a aproximar-se da praca com algum receio...

O INVENTÃO

O Têpluquê

Pequeno Livro de Desmatemática

Mas... Eis que algo acontece: **O PASSARO DA CABEÇA** losangular regressava, esvoaçando por entre as nuvens, sorrindo para o Sol, de asas bem abertas e riscando no céu:

25 de abril – Dia da Liberdade!

A Guerra do Tabuleiro de Xadrez

acabou num empate! Todos aplaudiram. Todos se abraçaram.

E os cravos brotaram dos jardins numa valsa elegante.



VIVA A LIBERDADE!
O TESOURO
MANUEL ANTÓNIO PINA

Das obras que se seguiram, mereceram a nossa especial atenção os contos “Os sete corvos” e “O cavalinho de pau do Menino Jesus”. Estes serviram de inspiração ao 6ºB para elaboração de um conto de Natal, que aqui se transcreve:

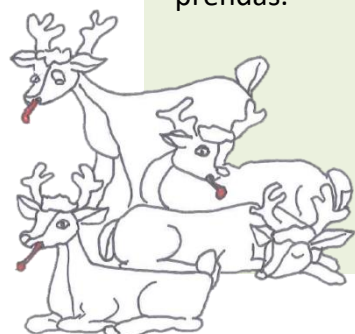
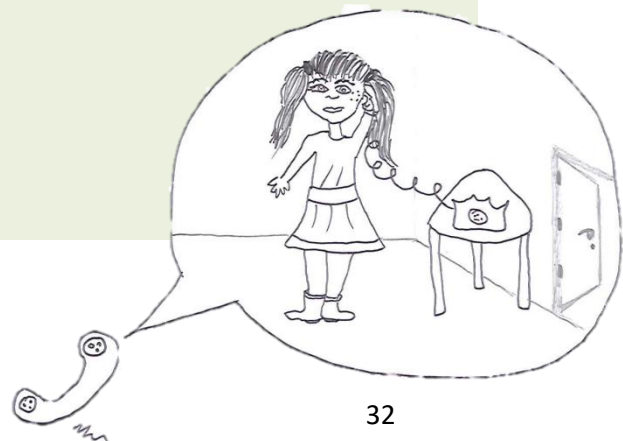
Os sete corvos e o cavalinho de pau do Menino Jesus

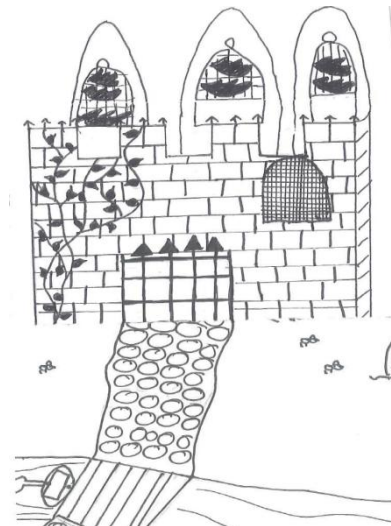
Era uma vez uma menina que queria juntar a família na noite de Natal e um Pai Natal que queria dar as boas-vindas ao Menino Jesus, presenteando-o com um cavalinho de pau, para ele brincar.

Esta menina sentia-se culpada por os irmãos não viverem com a família. Quando ela nasceu, era muito frágil e o pai, com receio de que ela morresse, queria batizá-la logo. Assim, mandou os seus filhos buscar água à fonte. Como eles se portavam sempre muito mal, partiram a vasilha e foram enfeitiçados. Surpreendentemente, transformaram-se, de imediato, em sete feios corvos e ficaram aprisionados, num reino das trevas.

Entretanto, o Pai Natal estava atrasado, pois as renas sentiam-se doentes.

A Mãe Natal lembrou-se da menina que se sentia triste no Natal e, como sabia onde os sete corvos estavam, ligou-lhe para pedir aos seus irmãos que ajudassem no transporte das prendas.





No telefonema, a Mãe Natal referiu que os irmãos dela estavam no Pólo Sul, o reino obscuro, e que precisava que fosse ela a pedir-lhes.

Claro que ela concordou e, na manhã seguinte, sem perceber como, acordou no Pólo Norte, mesmo em casa da Mãe Natal.



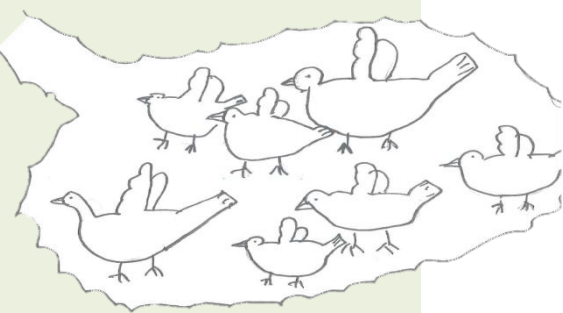
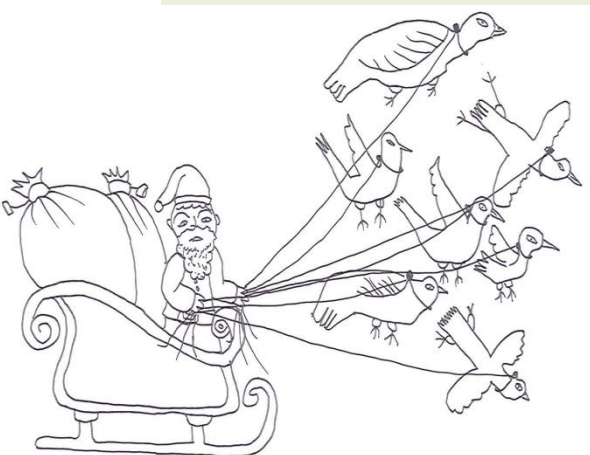
Mas havia um problema, não sabia como ir para o Pólo Sul. Como ela ainda era uma menina, foi para a sala dos presentes para pensar numa solução e claro, brincar um pouco.

Começou a montar um cavalinho de pau, que era para Jesus e de repente, este transformou-se num grande cavalo alado, que num abrir e fechar de olhos a transportou para o Pólo Sul.



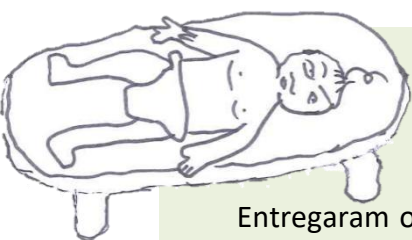
Quando abriu os olhos, viu os seus irmãos, os corvos, e disse-lhes que sentia muita falta deles e que eles podiam regressar à forma humana e voltar para casa, se ajudassem o Pai Natal a transportar as prendas.

Eles também tinham muitas saudades e, por isso, aceitaram ajudá-lo. O cavalo alado levou-os de volta ao Pólo Norte e lá ele voltou a ser um cavalinho de pau.



Quando o Pai Natal soube que eles tinham chegado, ficou muito aliviado. Pôs os arreios nos corvos e lá foram pelo mundo fora. Finalmente, era a hora mais importante, o momento de entregar o presente ao Menino Jesus.





Quando chegaram a Belém, viram toda a gente: o Menino Jesus, a Virgem Maria, José, os reis magos...

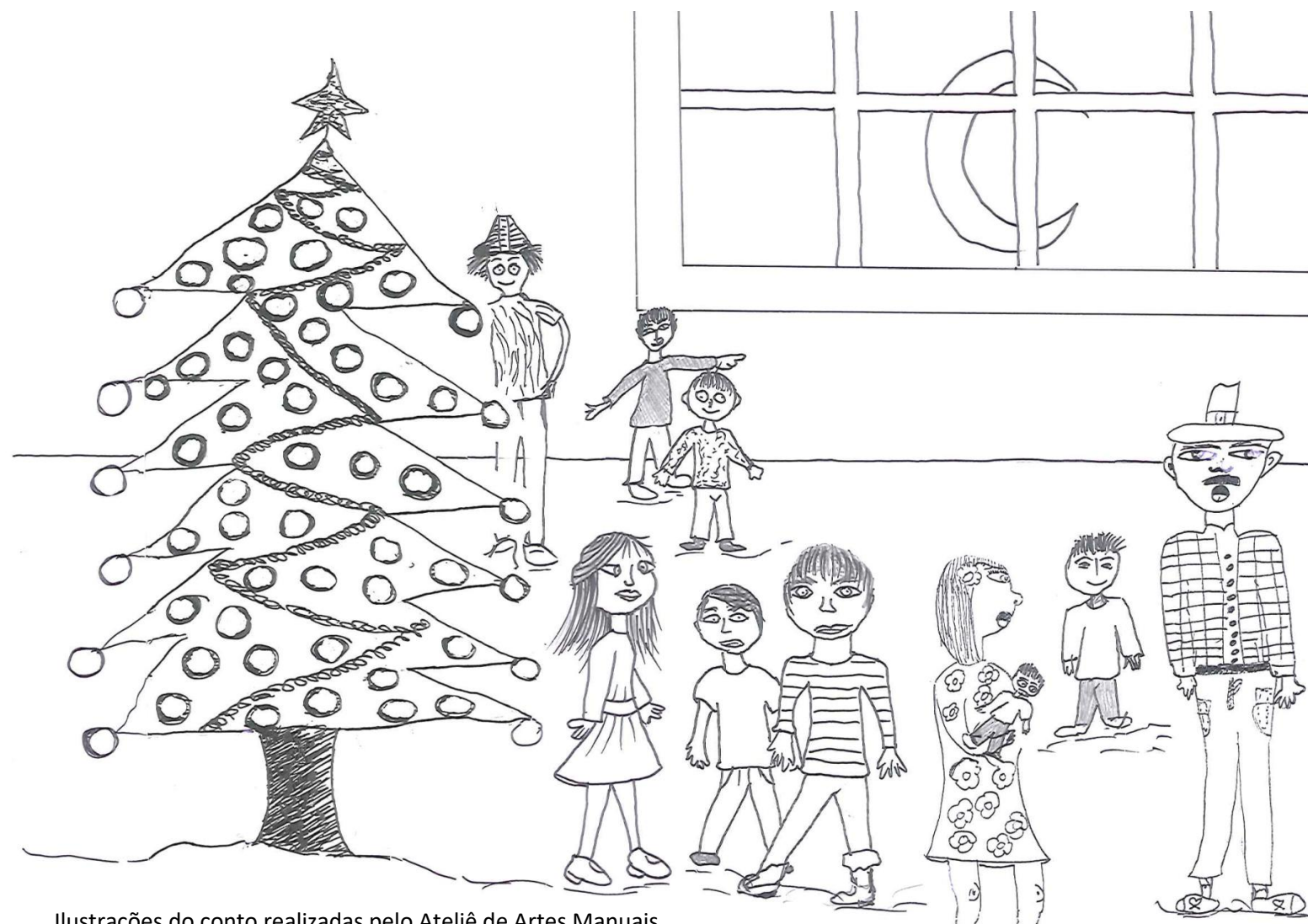
Entregaram o cavalinho a Jesus e ele adorou, até pôs de parte todos os outros presentes! Jesus emprestou o seu cavalinho aos corvos, que se transformaram magicamente em humanos, enquanto andavam!



Jesus cresceu com muitos amigos, mas tinha sempre de os deixar para trás, exceto o seu presente. Quando fugiu do rei Herodes para o Egito, levou apenas consigo o seu amigo cavalinho. E mesmo quando morreu, foi o seu cavalinho de pau que o acompanhou até ao fim!

Por sua vez, a menina passou o Natal com a casa cheia, não de prendas, mas de pessoas, pois tinha lá, finalmente, os seus irmãos que sempre adorara!

Rita Faria (com adaptações)



Também “O Tesouro” mereceu dos alunos uma atenção especial. Trata-se de uma história sobre a liberdade e é um livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura para o 3º ano de escolaridade. Foi publicado pela primeira vez em 1994, pela Associação 25 de Abril e pela Editora APRIL.

A aluna Nina, do 6ºN, escreveu um poema, inspirada na sua leitura.

As quadras da liberdade

Se nos tirarem a liberdade
Perdemos a vida,
A felicidade

Greves, manifestações
Qualquer coisa que nos faça ouvir
Revoluções
Para na miséria não cair

Com a liberdade
Podemos voar
Podemos dizer a verdade
Podemos sonhar

Sem a liberdade
Não estamos a viver
Estamos a sofrer
Por isso devemos lutar
Para o tesouro manter.



Marta e
Rodrigo
5ºL

9. Manuel António Pina: ilustrações de obras

Outros alunos, também, deram o seu contributo e interpretaram "O Tesouro" das mais variadas formas, sempre com maravilhosas aguarelas.



Carolina 6ºJ



“A Vida de um Peixinho Vermelho” não ficou esquecida dos alunos do 5ºI e do 6ºD.

Alunas do 6ºD fizeram uma coreografia interpretativa do conto.

A Sara tinha um peixinho vermelho dentro de uma bacia.



Uma vez a Sara meteu-se dentro da bacia e foi nadar atrás do peixinho.

O peixinho vermelho morava lá e tinha lá dentro uma casa com uma sala com armários e com cadeiras e uma mesa.



O peixinho vermelho sentava-se à mesa a escrever “A vida dum peixe”.

Todos os dias ia com o Noé para dentro da casa dele e o Noé deixava-a ficar sentada numa cadeira...

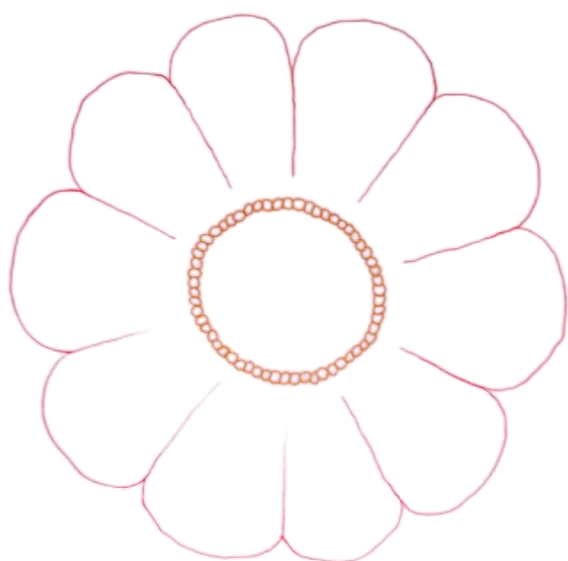


Quando Sara aprendeu a ler foi a correr

buscar os papéis.



Um dia aquele peixinho vermelho morreu.



Depois a Sara plantou uma flor no lugar

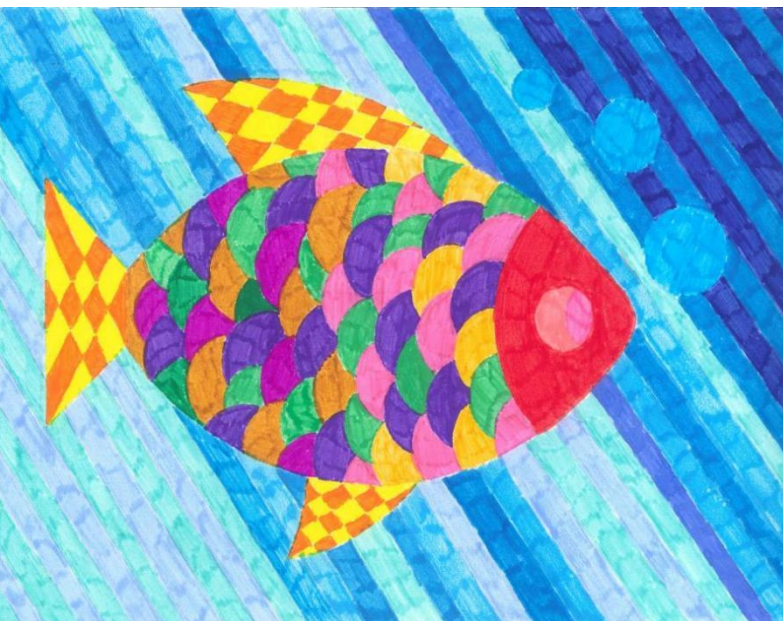
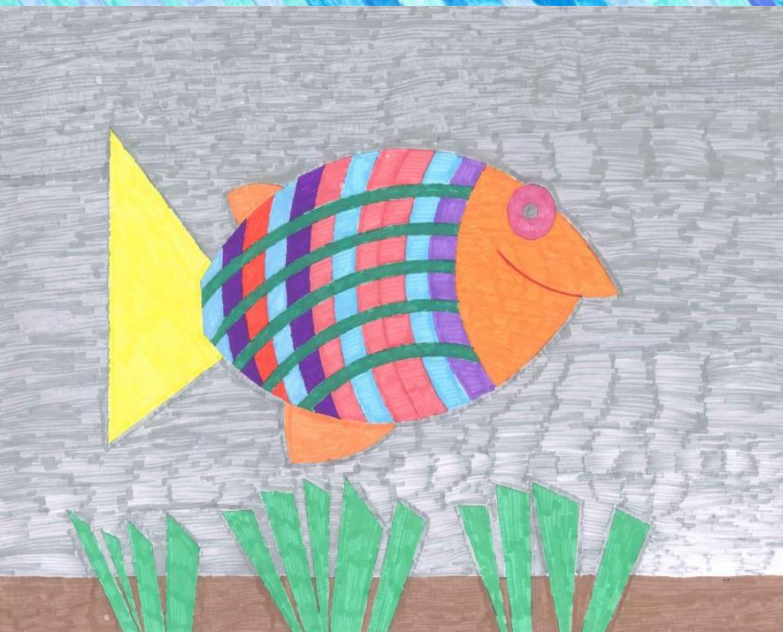
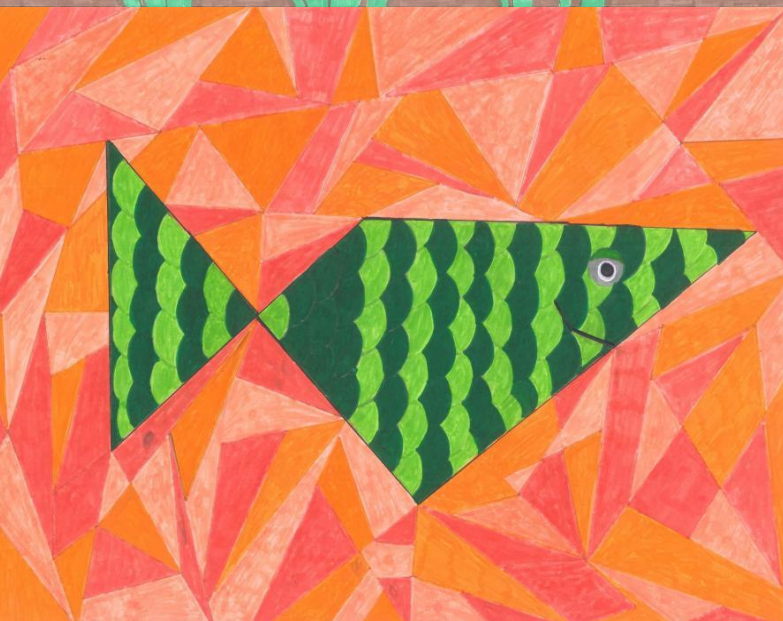
onde enterrou o peixinho.



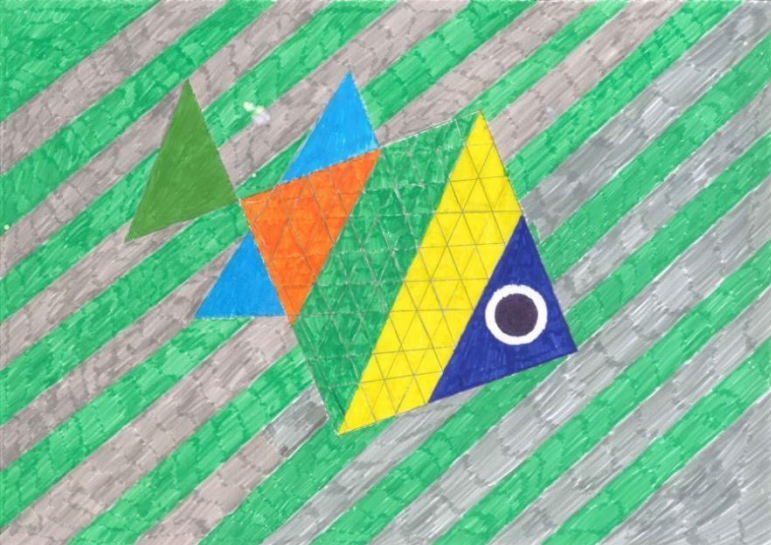
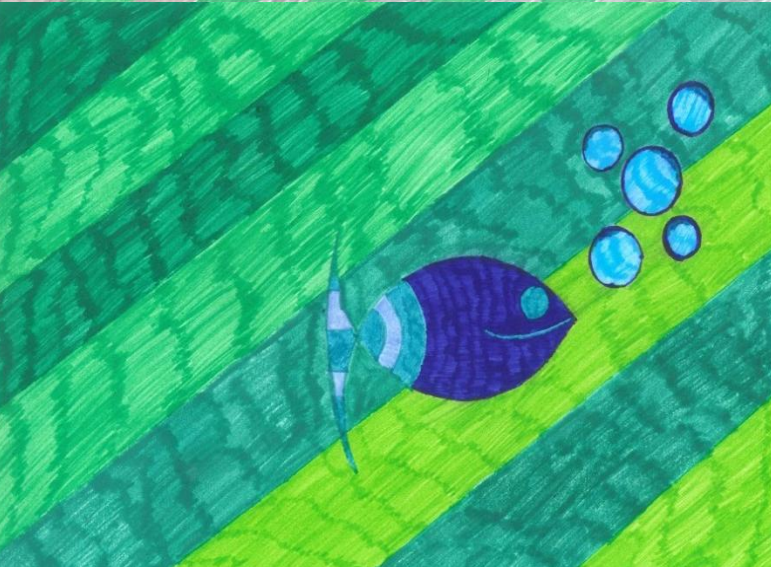
A flor cresceu, era muito bonita e vermelha e a Sara pôs-lhe o nome de Alice.



Ilustrações de peixes amigos do “Peixinho Vermelho”, criadas por alunos do 9º B







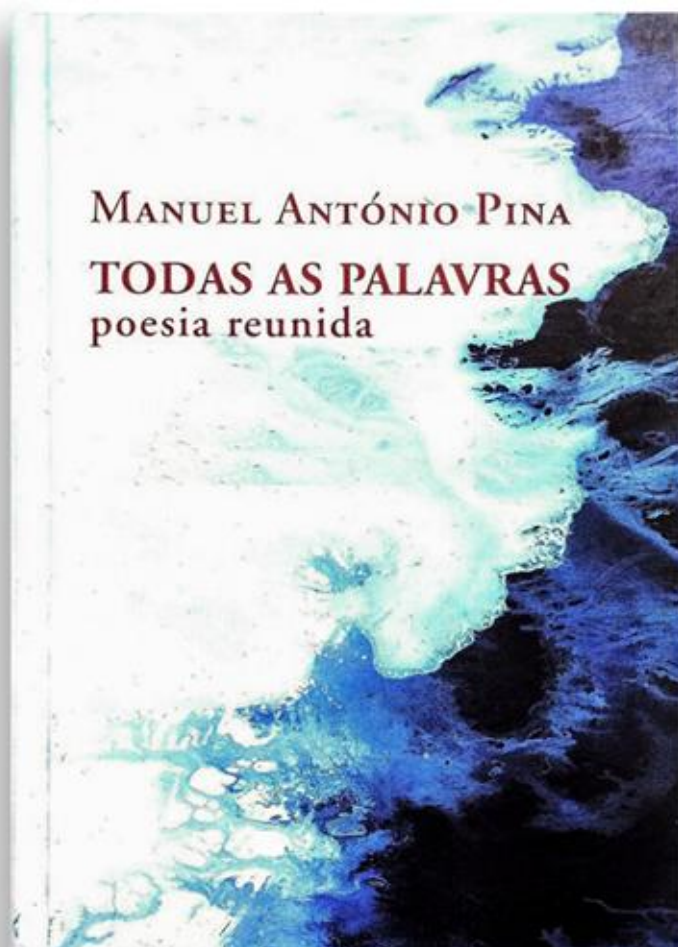
10. Manuel António Pina: poemas

O escritor dizia: “o poema tem o misterioso dom de cada leitor se ler a ele próprio”, confirmando mais uma vez que a leitura de poesia é uma experiência pessoal e única. Tinha uma opinião muito profunda acerca dos seus poemas. Confessou que para si, ela é um “ser” muito frágil e, por isso, não gostava de os ler em voz alta, pois tinha medo de lhes “roubar a alma”, preferindo uma leitura silenciosa, uma leitura vinda do coração que deixe ouvir todas as vozes, até as do silêncio, por ser mais sincera e acrescentava: “dentro do corpo cabem mais vozes do que na boca”. Manuel António Pina admitia não compreender inteiramente os seus poemas, porque, segundo ele, teriam sido escritos por outras pessoas, as pessoas que ele outrora fora.

Do seu último livro editado, em 2012, a coletânea de poesia, intitulada “Todas as palavras”, retirámos alguns poemas:

Todas as palavras

As que procurei em vão,
principalmente as que estiveram muito perto,
como uma respiração,
e não reconheci,
ou desistiram e
partiram para sempre,
deixando no poema uma espécie de mágoa
como uma marca de água impresente;
as que (lembras-te?) não fui capaz de dizer-te
nem foram capazes de dizer-me;
as que calei por serem muito cedo,
e as que calei por serem muito tarde,
e agora, sem tempo, me ardem;
as que troquei por outras (como poderei
esquecê-las desprendendo-se longamente de mim?);
as que perdi, verbos e
substantivos de que
por um momento foi feito o mundo
e se foram levando o mundo.
E também aquelas que ficaram,
por cansaço, por inércia, por acaso,
e com quem agora, como velhos amantes sem
desejo, desfio memórias,
as minhas últimas palavras.



As escadas

Toma, este é o meu corpo, o que sobe as escadas
em direção à tua escuridão, deixando-me,
ou a alguma coisa menos tangível,
no seu lugar.

Também elas envelheceram, as escadas,
também, como eu, desabitadas.
Anoiteceu, ao longe afastam-se passos,
provavelmente os meus,
e, à nossa volta, os nossos corpos
desvanecem-se como terras estrangeiras.



Alunas da Ginástica Acrobática

Esplanada

Naquele tempo falavas muito de perfeição,
da prosa dos versos irregulares
onde cantam os sentimentos irregulares.
Envelhecemos todos, tu, eu e a discussão,

Agora lê saramagos & coisas assim
E eu já não fico a ouvir-te como antigamente
Olhando as tuas pernas que subiam lentamente
Até um sítio escuro dentro de mim.

O café agora é um banco, tu professora do liceu;
Bob Dylan encheu-se de dinheiro, o Che morreu.
Agora as tuas pernas são coisas úteis, andantes,
E não caminhos por andar como dantes.



Nuno 6ºC

A avó

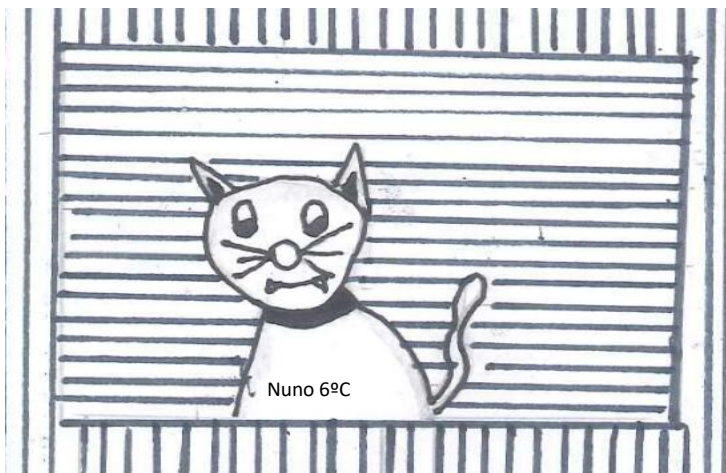
Tinha ao colo o gato velho
cansadamente passando
a sua branca mão pelo
pêlo dele preto e brando

Sentada ao pé da janela
olhando a rua ou sonhando-a
todo o passado passando
a passos lentos por ela

Dormiam ambos enquanto
a tarde se ia acabando
o gato dormindo por fora
a avó dormindo por dentro



João 6ºF



Nuno 6ºC

11. Manuel António Pina: poema ilustrado

“O pássaro da cabeça” recebeu, das alunas da Ginástica Acrobática e da turma do 9ºC, especiais atenções:

O pássaro da cabeça

Sou o pássaro que canta
dentro da tua cabeça,
que canta na tua garganta,
que canta onde lhe apeteça.

Sou o pássaro que voa
dentro do teu coração
e do de qualquer pessoa
(mesmo as que julgas que não).

Sou o pássaro da imaginação
que voa até na prisão
e canta por tudo e por nada
mesmo com a boca fechada.

E esta é a canção sem razão
que não serve para mais nada
senão para ser cantada
quando os amigos se vão

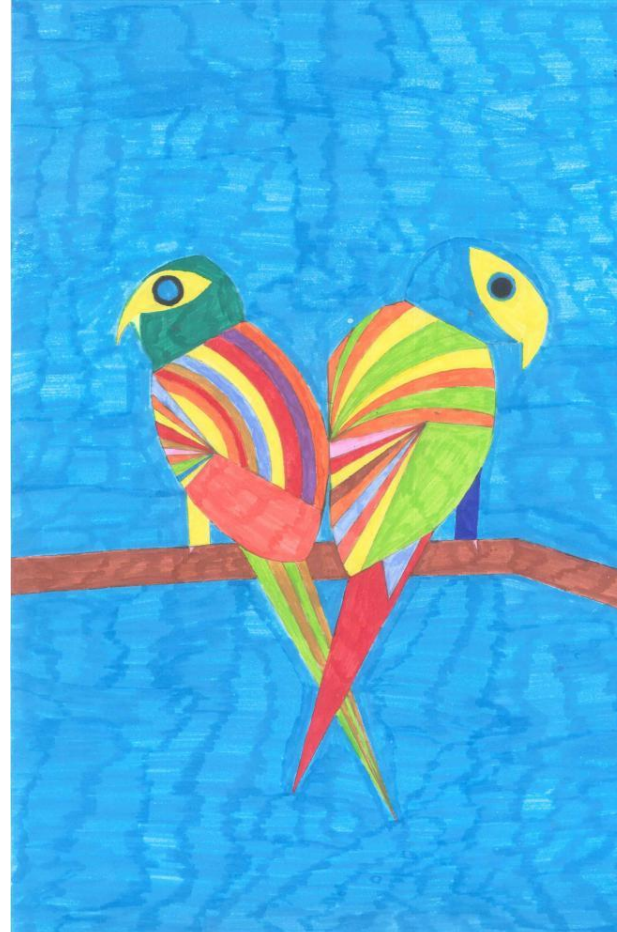
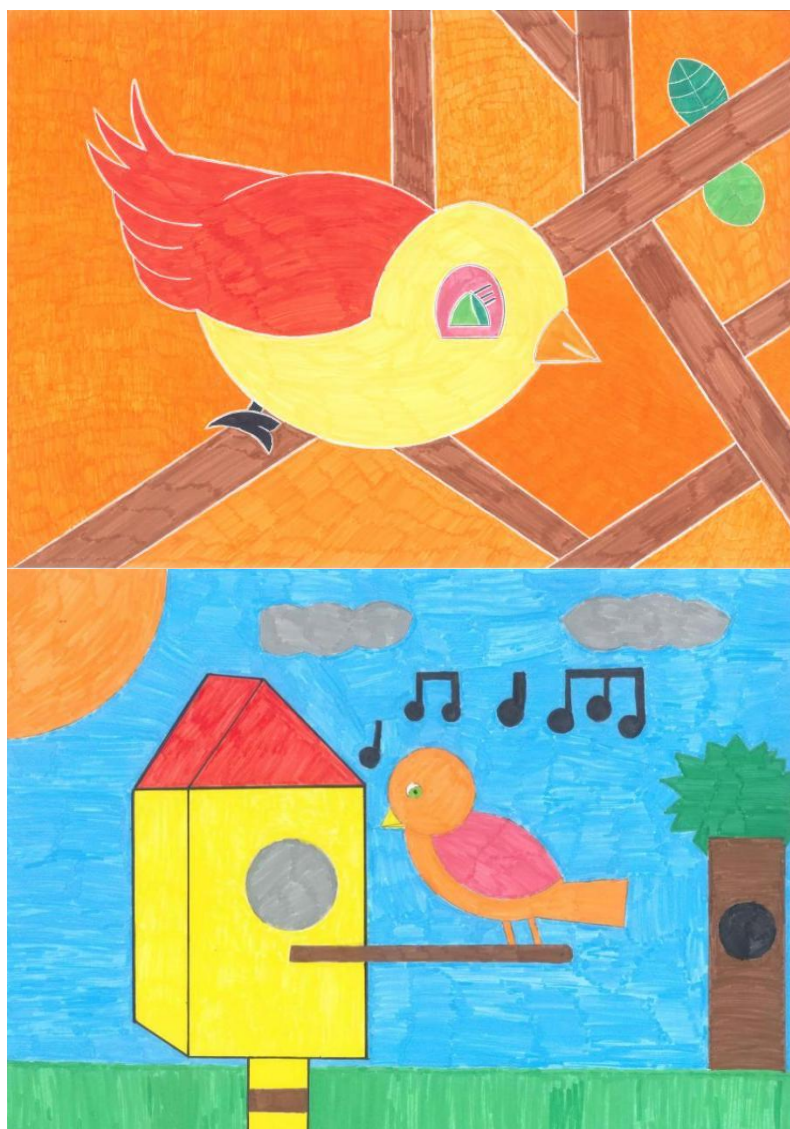
e ficas de novo sozinho
na solidão que começa
apenas com o passarinho
dentro da tua cabeça.



**Pássaros amigos do “Pássaro da Cabeça” imaginados pelos
alunos do 9º C**

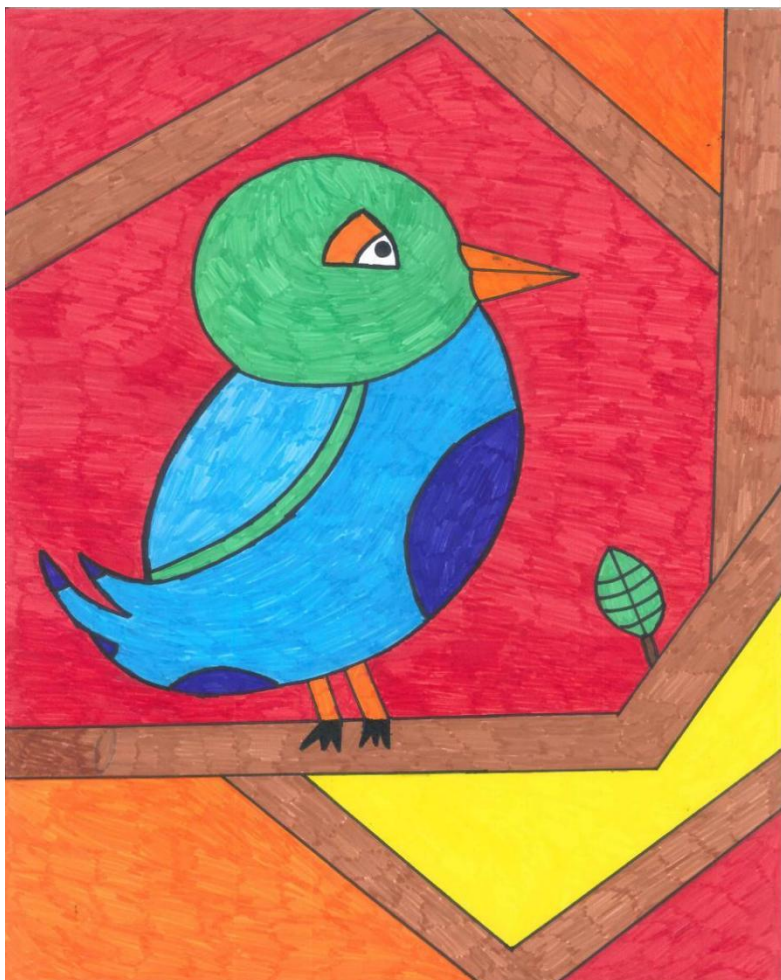
“ (...) um dia o sargento trouxe-me um pássaro que ele achou; eu andava excitadíssimo com o pássaro mas ele fugiu, deixei fugir o pássaro e fiz uma gritaria, queria o pássaro... Ali fiquei à janela com uma grande raiva ao pássaro por me ter abandonado. E lembro-me da frase do sargento: ‘Não te preocupes, logo te trago outro’ e de eu responder ‘não quero outro, quero aquele! Vamos lá buscá-lo de avião!’. Queria ir apanhá-lo de avião...”

<https://visao.pt/atualidade/cultura/2012-10-19-entrevista-a-manuel-antonio-pinaf692243/>





Mais pássaros amigos do “Pássaro da Cabeça” 9°C



12. Manuel António Pina: canções e outras formas de expressão

A sua obra incidiu principalmente na poesia e na literatura infanto-juvenil, embora também tenha escrito peças de teatro, obras de ficção e crónicas. Algumas dessas obras foram adaptadas ao cinema, à televisão ou editadas em disco.

Os seus textos dramáticos, como por exemplo “o Inventão”, são frequentemente representados por grupos e companhias de teatro de todo o país, e muitas das obras infantis e juvenis são escolhidas para fazer parte dos manuais escolares.

O poema **A Ana Quer**, do livro “O Pássaro da Cabeça”, foi interpretado pelo Bando dos Gambozinos, e faz parte do CD “O Beco dos Gambozinos”, com música de Susana Ralha, conforme a seguinte partitura ilustrativa:

♩ = 60



A Ana quer
nunca ter saído
da barriga da mãe.
cá fora está-se bem,
mas na barriga também
era divertido.

O coração ali à mão,
os pulmões ali ao pé.
ver como a mãe é
do lado que não se vê.

O que a Ana mais quer ser
quando for grande e crescer
é ser outra vez pequena:
não ter nada que fazer
senão ser pequena e crescer
de vez em quando nascer
e voltar a desnascer.

13. Manuel António Pina: life and work

Manuel António Pina was born on 18th November 1943 in Sabugal, Portugal, and died on 19th October 2012 at the Hospital de Santo António in Oporto, at the age of 68.

He was a Portuguese journalist and writer, awarded with many prizes, being one of them the Camões Prize in 2011. He was also a reporter and an editor.

The author graduated in Law at the University of Coimbra and was a journalist in Jornal de Notícias for three decades (from 1971 to 2011) and later a chronicler in Jornal de Notícias, Visão and Notícias Magazine. There were people who used to buy the newspaper just to read his section. Besides that he collaborated with many newspapers and other media. He was also a teacher at Escola Superior de Jornalismo do Porto (a journalism school) and a member of the Press Council.

Although his work focused mainly on poetry and children's literature, he also wrote several plays, fiction and chronicles known all over the world in countries like France, the United States, Spain, Germany, Russia and Bulgaria. Many of his texts were selected to appear in schoolbooks and some of his books have been adapted to film and television.

He was pleased with the fact that his stories were known. Some friends think that he would have been more appreciated if he had lived in Lisbon, although he chose to live in Oporto City.

Manuel was a calm, simple, impulsive and patient person. He had two daughters and he loved animals, especially cats. He thought that if you like animals, it's because you have a kind heart and he even mentioned once that "he wouldn't be afraid of living with wild animals if he had to". His friends describe him as a good listener and a very friendly person, who was always ready to help them.

His hobbies were reading (especially poetry) and taking care of his cats. He liked soccer and his team was Sporting.

He was hypochondriac. He had an aneurism and lung disease because he used to smoke a lot.

He was inspired by his daughters, everyday life and social differences in general, but his poems were usually about health. He didn't have a specific inspiring place. His first children's book ("O país das pessoas de pernas para o ar") was written in 1973.

He used to criticize politicians, who often spoke to him to try to change his ideas. Despite their efforts, they weren't able to change his opinions.

He was a very simple and creative writer who was afraid of "being changed by the world".

Main Bibliography:

- 1973 - "O país das pessoas de pernas para o ar" (children and teenagers);
- 1974 - "Gigões & anantes" (children and teenagers);
- 1976 - "O têpluquê" (children and teenagers);
- 1983 - "O pássaro da cabeça" (poetry);
- 1983 - "Os dois ladrões" (theatre);
- 1986 - "Os piratas" (fiction);
- 1987 - "O inventão" (theatre);
- 1993 - "Farewell happy fields" (poetry);
- 1993 - "O tesouro" (children and teenagers);
- 1994 - "O anacronista" (chronicle);
- 1995 - "O meu rio é de ouro" (children and teenagers);
- 1998 - "Aquilo que os olhos vêem, ou O Adamastor" (theatre);
- 2001 - "A noite" (theatre);
- 2001 - "Pequeno livro de desmatemática" (children and teenagers);
- 2002 - "Poesia reunida" (poetry);
- 2002 - "Perguntem aos vossos gatos e aos vossos cães" (theatre);
- 2002 - "Porto, modo de dizer" (chronicle);
- 2003 - "Os livros" (poetry);
- 2004 - "O cavalinho de pau do Menino Jesus" (children and teenagers);
- 2005 - "História do Peixinho Vermelho" (children and teenagers);
- 2008 - "Gatos" (poetry);
- 2010 - "Por outras palavras e mais crónicas de jornal" (chronicle);
- 2011 - "Como se desenha uma casa" (poetry);
- 2012 - "Todas as palavras" (poetry).

Some relevant awards:

- 2005 - Poetry Award of the Portuguese Writers Association/ CTT ("Os livros")
- 2010 - Bissaya Barreto Award of Literature for children ("O Cavalo de Pau do Menino Jesus")
- 2011 - Camões Award

Este texto resultou da compilação dos trabalhos realizados pelos alunos do 9ºA:

- Albérico Soares
- Mafalda Lopes
- Maria Carvalho

- Bárbara Sousa
- Beatriz Cunha
- Letícia Oliveira

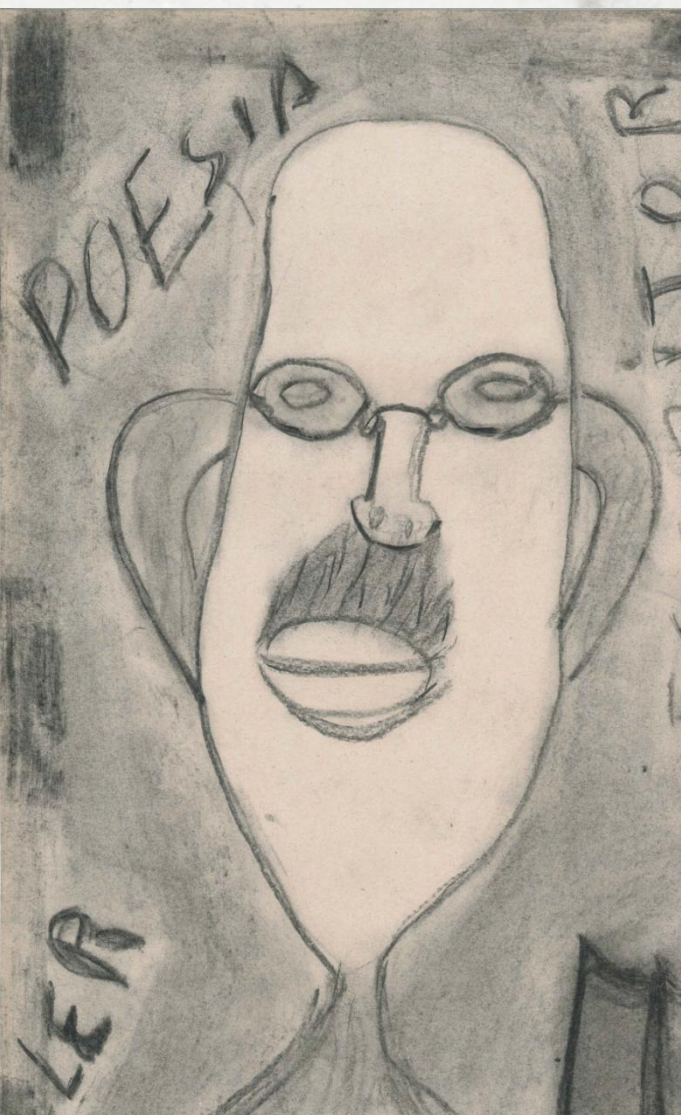
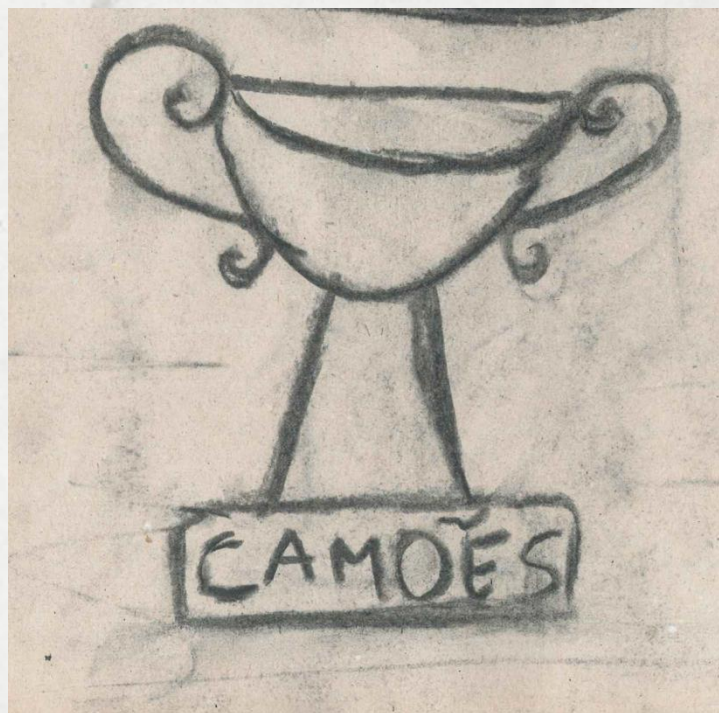
- A Docente :
- Aida Santos

14. Manuel António Pina: prémios e homenagens

Manuel António Pina era convidado para apadrinhar várias obras, escrever textos para exposições e ir à televisão.

Em reconhecimento pela sua vida e obra, foi condecorado com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, a 9 de junho de 2005.

Foi distinguido ao longo de toda a carreira literária com múltiplas homenagens destacando-se, entre outras, o Prémio Literário da Casa da Imprensa, o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, a menção do Prémio Europeu Pier Paolo Vergerio da Universidade de Pádua e o Prémio do Centro Português de Teatro para a Infância e Juventude, pelo conjunto da obra. Por fim, para culminar, o prémio Camões em 2011.



Agostinho Santos e Álvaro Magalhães prestaram tributo a este notável escritor.

O primeiro com o livro-álbum "Algum Passado Algum Presente", apresentado no primeiro aniversário da sua morte, com ilustrações do próprio Agostinho Santos e o segundo, com a obra "O Senhor Pina", premiado pela Sociedade Portuguesa de Autores como o melhor livro de 2013.

Trata-se de um conjunto de dezasseis ficções, nas quais faz um retrato íntimo, sensível e muito bem-humorado do poeta Manuel António Pina, desde o seu modo peculiar de olhar e viver a vida e a literatura, até à sua relação com Joanica-Puff, o Urso com Poucos Míolos, que ele tanto admirava.

Relembra-o, brincando com as palavras. **"A casa do senhor Pina estava sempre cheia de palavras (...). Quando chegava, de manhã cedo, a empregada do senhor Pina espantava as palavras que estavam à porta, à espera. Xô! Xô! Eram centenas, milhares, milhões. E muitas delas entravam pelas frinchas das portas, que há palavras mais hábeis que ladrões..."**

Ao som das palavras de Manuel António Pina, as alunas da Ginástica Acrobática, prestam a sua homenagem ao autor.

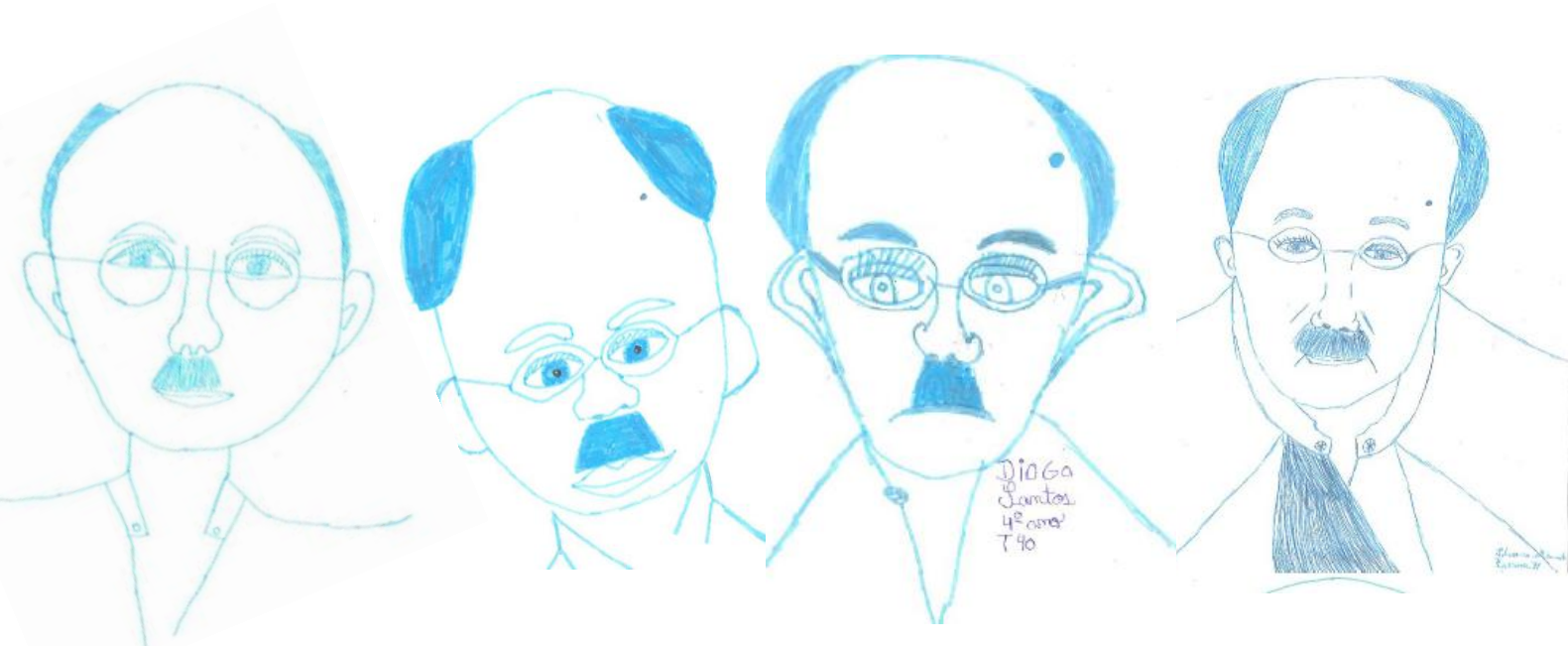


No dia em que faria 70 anos, o Museu Nacional da Imprensa promoveu o evento “7 x 10” – Homenagem a Manuel António Pina, que decorreu em sete locais, que o autor costumava frequentar e onde foram colocadas placas com o seu nome, que mantêm viva a sua memória.



“Nasci no Sabugal, mas costumo dizer que me nasci a mim mesmo, no Porto”

Manuel António Pina



15. Manuel António Pina: o sentir e o olhar dos amigos e filha

QUANDO ESTAR COM O PINA É SINÔNIMO DE POETAR

Por Danyel Guerra
Jornalista

“O País das Pessoas de Pernas para o Ar”. Há livros que nos ganham logo no título. É esse o caso daquele que interpelou minha curiosidade numa livraria portuense, vivia-se uma tarde nublada do Verão Quente de 1975. Só depois é que reparei na autoria, Manuel António Pina, de seu nome. Até então, o único Manuel António que eu conhecia era o ponta de lança do FC Porto e da Académica, que se tornaria médico oncologista e chegou a assistir o poeta Miguel Torga.

Nessa época, em Portugal não eram somente as pessoas, era o país que estava de pernas para o ar. Todos faziam o pino, perfilhando o desafio do Pina. Embora a maioria só o conseguisse encostando o corpo às paredes e aos muros infestados de cartazes e pichados de grafites panfletários.

Nesses tempos turbulentos, também estava longe de imaginar que, uma década passada, eu seria camarada de Manuel António na Redação do ‘Jornal de Notícias’. Porém, o “lizard king”, como eu o apelidara, tinha abdicado de fazer o pino.

Preferia agora conjugar o verbo pinar, exercitando o ofício da poesia em textos intemporais, imbuidos de incontida jovialidade e frescor. E também opinar, registrando em crônicas acutilantes sua visão acesa da realidade mundial, sempre mutante e contraditória. Por esses dias, ele erguia-se, assestando os óculos de aros redondos, baforando o fumo da cigarrilha, dedilhando as teclas da máquina de escrever voadora, como o pináculo da Redação.

E foi no frenesi dessa fábrica de notícias que um passarinho chamado Fausto me afiançou que o Manuel António viria a ser, em breve, conhecido e reconhecido como o Senhor Pina. Seria, contudo, insensatez demasiada exigir que ele tivesse vaticinado o fausto acontecimento da atribuição do Prêmio Camões ao poeta beirão nascido. Láurea que a partir de 2011 se acolheu na sua bibliopinateca, ao lado de livros de T.S.Eliot, John Milton, Jorge Luís Borges e de outros insignes confrades.

PEQUENINO MAS TÃO GRANDE ...

Por Agostinho Santos
Artista plástico

Tive o privilégio de ser amigo do Manuel António Pina durante mais de três décadas e guardo na memória o que de melhor se pode dizer de outra pessoa: o Pina era um bom homem.

E era. Um homem com um coração do tamanho do mundo, humilde, simples e sempre disposto a incentivar e a apoiar os outros.

Quis o destino que nos encontrássemos milhares de vezes, quer do ponto de vista pessoal quer profissional. Foi meu editor na secção de Cultura do Jornal de Notícias e foi o "escritor de serviço" em muitos dos catálogos e livros das minhas exposições. Nunca me negou um texto e mais do que isso, sempre me aconselhou, incentivou e apoiou a prosseguir nesta aventura das artes plásticas. Tinha-o como um verdadeiro amigo, não obstante estarmos por vezes em desacordo, mas julgo que a admiração era mútua e tive a sorte de o acompanhar em várias iniciativas culturais, como lançamentos de livros, colóquios e exposições de Norte a Sul do país. Com o Manuel António Pina aprendia-se sempre alguma coisa, sempre. Mesmo em deslocções rápidas ao Piolho, à confeitaria Ribeiro ou nos serões prolongados no Convívio, os encontros eram transformados em autênticas tertúlias onde o Pina tinha sempre opinião e explicação para tudo.

É com muita saudade que o recordo e digo cá para mim e para os outros: o Pina era um bom homem e partiu tão cedo...



Agostinho Santos (2024)

UMA SOMBRA QUE NOS ILUMINA

Por Arnaldo Saraiva
Escritor

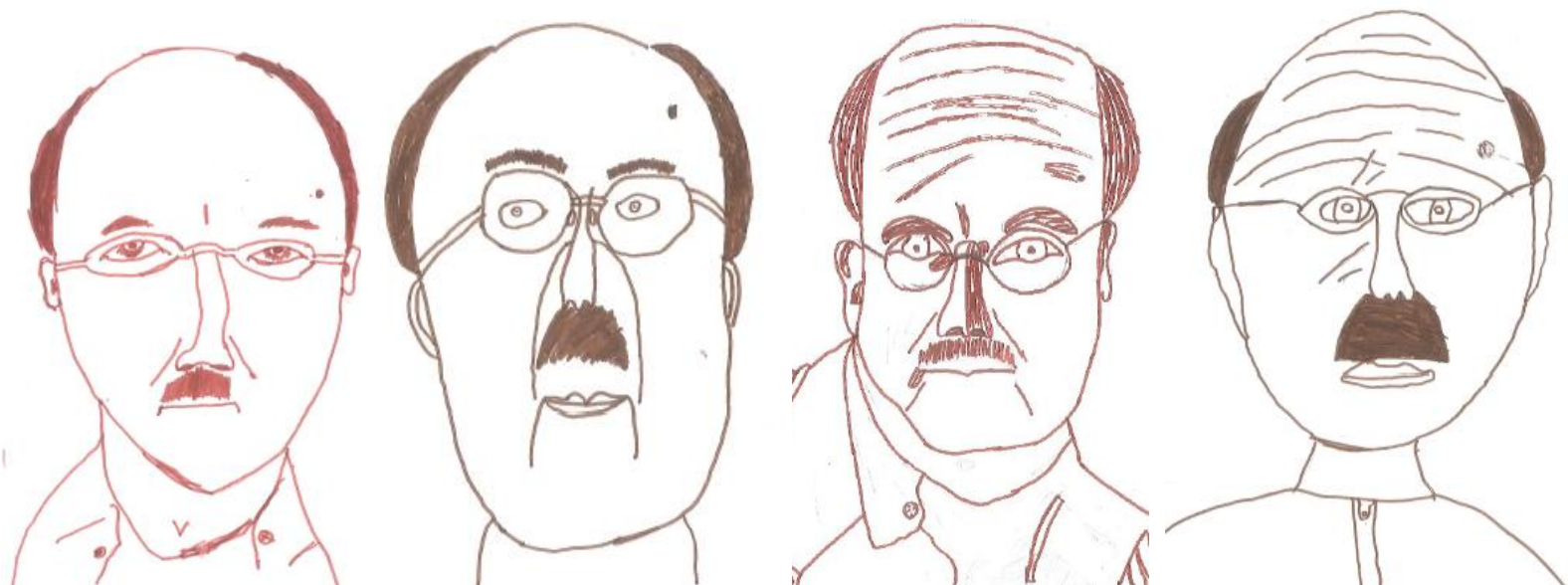
Manuel A. Pina surgiu publicamente como poeta no ano do mais famoso 25 de Abril da nossa história. E é curioso que a estreia poética dele se associe a esse momento. A sua poesia transporta também, no seu campo específico, um desejo de libertação ou de liberdade, desde logo dos cânones para que o empurrariam as práticas poéticas dominantes ao tempo da sua adolescência ou nos anos 60

Manuel A. Pina não se filiou em nenhuma corrente, nem a sua passagem por Coimbra, nos anos 60, o aproximou dos poetas de Poemas Livres. Pelo contrário, se a alguma corrente foi beber, terá sido à surrealista que se afirmara na década de 40. Porque de resto, como um heterodoxo (e suponho que ele também já tinha lido Eduardo Lourenço, que eu ouvi e li pela primeira vez nessa altura), preferiria escolher os seus mestres em diferentes escolas, ou fora de escolas.

Manuel A. Pina disse uma vez que não se sentiria bem se não lesse ou escrevesse, e que ler (ou escrever) **“é uma forma (convenhamos que um pouco absurda e imatura) de felicidade”**.

Noutro tempo e noutro registo, também disse que a poesia, ou a literatura, ou o criador literário é a sombra de uma sombra. Será? Talvez! Mas para usar um oxímoro a seu gosto, eu diria que, no caso de Manel António Pina, estamos perante uma sombra que nos ilumina— e que nos assombra.

in Iberografias, nº 8, Guarda, Centro de Estudos Ibéricos, 2012.



A VIAGEM DE ALCAGOITA

Por Sara Pina

Filha de Manuel António Pina

O pai não gostava de ir à praia, preferia o campo, e em Agosto queria aproveitar para ficar na cidade do Porto muito mais calma, com menos trânsito e menos pessoas. A maior parte das vezes não fazíamos praia com ele.

Lembro-me bem da primeira vez que fomos para o Algarve, a viagem divertida que fizemos de carro, o pai, a mãe e nós - a Sara e a Ana.

Nessa altura não havia autoestrada e a viagem levava um dia inteiro. O pai tinha comprado um carro muito pequeno, um Daihatsu branco de duas portas, e decidimos dar-lhe um nome. Acabamos por escolher «alcagoita», uma palavra que nós não conhecíamos e que é o mesmo que «amendoim», como nos explicou, fazendo referência ao tamanho do carro. É uma palavra engraçada e que se prestou a vários jogos e brincadeiras.

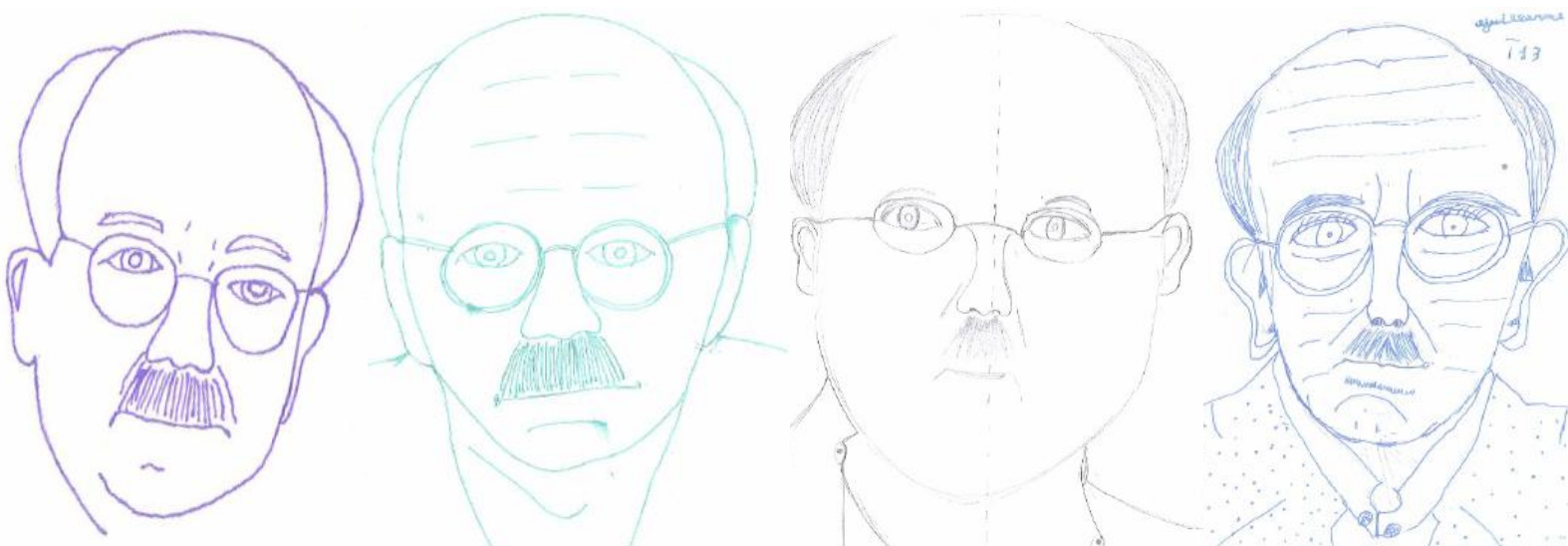
Nessas férias a família toda foi à praia, até o pai que não gostava de sentir a areia entre os dedos dos pés.

Ficava sentado a ler e a fumar charuto enquanto nós brincávamos juntas à beira-mar.

Das raras vezes que vi o pai a tomar um banho de mar estava de pé, com água pela cintura, a olhar para nós juntas e a acenar, de óculos postos e charuto na boca, depois de ter estado a nadar bruços, sempre com a cabeça de fora para não a molhar. Nunca me esqueci dessa imagem apesar de não ter tirado uma fotografia.

Uma imagem desses tempos é esta – a minha irmã mais nova Ana e eu.

Esteve ao longo de muitos anos, até o pai morrer em 2012, no escritório dele, rodeada de livros e gatos e o silêncio da noite em que o pai gostava de estar.



UM NOME... UMA MEMÓRIA... UMA HISTÓRIA...

Por Natércia Vilariça
Professora bibliotecária

A escola básica Manuel António Pina, Agrupamento de escolas escultor António Fernandes de Sá, situa-se na freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Vila Nova de Gaia . O nome da escola é da iniciativa do, então, presidente da câmara municipal de Vila Nova de Gaia , Dr Luís Filipe Meneses. Quis homenageá-lo em vida, mas tal não foi possível pois, infelizmente, Manuel António Pina “partiu” antes da conclusão da Escola. Numa homenagem póstuma, em 2012, é dado o seu nome à nova Escola (centro escolar) Escola Básica Manuel António Pina, edifício constituído por 16 salas do ensino básico mais 6 de educação pré-escolar, dotado de polidesportivo, biblioteca e mediateca, sala polivalente, sala de acolhimento, salas de apoio ao estudo, cantina e auditório com 96 lugares..Possui ainda um parque infantil e uma vasta área de recreio que confina com o Parque da Lavandeira, ao qual tem acesso direto...

Estive presente na inauguração da “EBMAP” e, enquanto professora bibliotecária da escola, desde a sua abertura até ao presente momento, procurei divulgar a sua obra a alunos, professores e encarregados de educação desde a literatura infanto-juvenil à poesia e ao teatro, envolvendo-os, sempre que possível, nas mais diversas atividades anuais.

Tive o privilégio de estar com Manuel A. Pina em diversos momentos: no meu estágio da licenciatura em Ciências da Educação onde nos debruçámos sobre a literatura para a infância e lhe solicitámos que nos falasse sobre o motivo do conto “O país das pessoas de pernas para o ar”. Na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação organizámos um “Encontro à volta dos contos, autores e educadores” onde Manuel António Pina fez parte da mesa de oradores.

Em variados momentos “cruzei-me” com Manuel António Pina, nomeadamente na Biblioteca Municipal de Gaia, recordo-o com admiração pelo humanista que foi, pela sua sabedoria, simplicidade e afetividade. É esta admiração que me leva a divulgar a sua obra, única e inimitável.

Gostaríamos de partilhar alguns momentos que lhe foram dedicados, ao longo dos tempos, pelos alunos da nossa (sua) escola.

Poesia no hospital, ala de oncologia



Biblioteca Escolar Outeiro e Manuel A. Pina adicionou 13 fotos novas ao álbum:

Poet(a)ndo MANUEL ANTÓNIO PINA no Hospital Santos Silva.

10 de dezembro de 2018 · 🌐

Hoje, dia 10 de Dezembro, alunos do 3 e 4 ano da EB Manuel António Pina levaram a poesia de Manuel António Pina aos utentes de oncologia do Hospital Santos Silva. Na sala de espera deste bloco partilharam com os presentes poemas do Tepluquê, da Desmatemática e do Inventão. Foram momentos de escuta ativa vívidos e sentidos. Foram excepcionais, um orgulho. Agradecemos à D. Cátia e D. Carla (encarregadas de Educação) toda a logística inerente ao momento e ainda à D. Alzira que fez o favor de nos acompanhar. Um miminho de Natal para todos os que presenciaram e viveram este evento. Obrigada



Poet(a)ndo Manuel António Pina



Contos: O tesouro; o Cavalinho de pau do menino Jesus



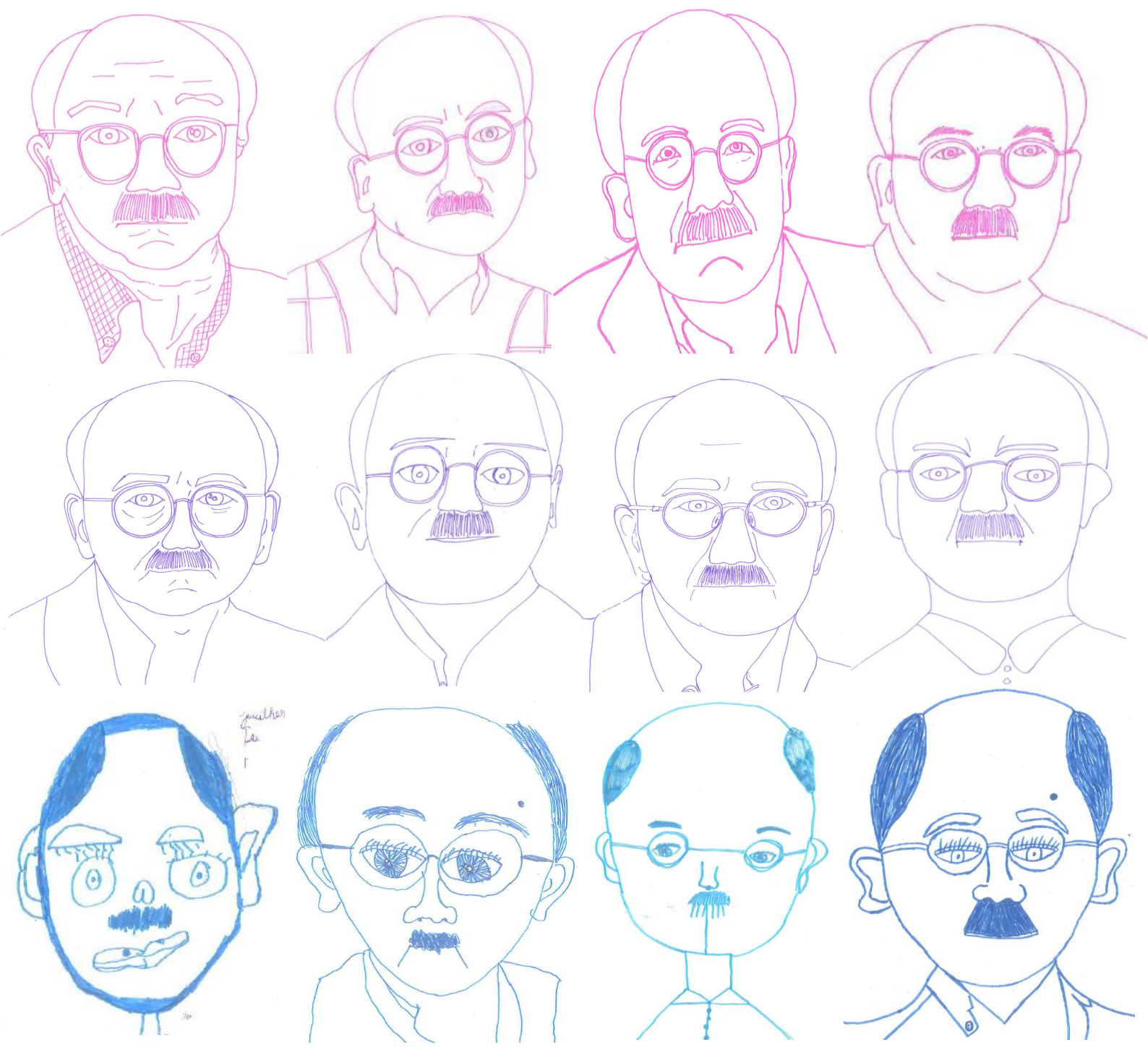
O inventão



16. Manuel António Pina: o futuro.

Clube dos Amigos à espera do Pina

O "Clube dos Amigos à espera do Pina", que é uma associação cultural, foi fundado por um grupo de dez amigos próximos do poeta Manuel António Pina, falecido em 2012. O motivo foi o livro "O senhor Pina", de Álvaro Magalhães, um desses amigos, e onde há um episódio com esse título, pois o poeta chegava sistematicamente atrasado aos encontros. Dizem esses amigos que continuam à espera dele, que está apenas um bocado atrasado, como sempre. A finalidade do clube é, obviamente, preservar a memória e prosseguir a divulgação da sua obra.



Agradecimentos

O projeto foi idealizado e tomou forma e corpo lentamente, num “projeto em comum”.

Foi aceite e passou à ação. As pessoas certas motivadas e disponíveis, os alunos inspirados.

O resultado? Esta obra magnífica!

Não quero deixar de agradecer:

Em primeiro lugar, ao Diretor do Agrupamento D. Pedro I, Dr. António Duarte, pela sua atitude de total abertura ao projeto e incentivo;

À Escola Secundária Inês de Castro, pela dinamização do projeto “Artistas de Gaia e Escolas em Diálogo” que proporcionou esta aventura;

Ao Agrupamento D. Pedro I e a todas as Unidades Educativas, por terem permitido a concretização de um sonho;

À equipa diretiva, em especial à Sandra Pinto, pela serenidade e tolerância;

A todos os professores que disseram sempre “sim” às minhas propostas e pedidos. Sem eles, este livro não seria possível;

A todos os alunos do ano letivo 2013 /2014, que com a sua criatividade deram corpo e forma ao meu sonho;

Ao projeto do grupo “Geração Jovens Cientistas” pela colaboração;

Ao Agostinho Santos e José Cunha, pela ajuda e dicas aos alunos do 3º ciclo, na pesquisa para os textos de apoio;

À Julieta Sá e à Fátima Azevedo pela seleção, compilação e construção dos textos; à Cândida Couto pela organização de conteúdos e ainda um reconhecimento especial pela infinita disponibilidade e paciência; ao Paulo Brito pelo primeiro arranjo gráfico e à Ilda Lopes pela disponibilidade, paciência e revisão do texto final;

À Rita Costa e à Rute Gaspar que me ajudaram a cuidar graficamente deste livro com uma paciência infinita...

Isilda Patrocínio

Canidelo, Vila Nova de Gaia